



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO MENDONÇA

**“A Palavra fez-se carne e
estabeleceu a tenda entre nós”**

**Uma leitura exegético-teológica
Do Prólogo do Evangelho de João (Jo 1,1-18)**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia**

**Braga
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação à Província Portuguesa
da Ordem Franciscana dos Santos Mártires de Marrocos de Portugal
e à Fundação de Santo António de Lisboa de Timor-Leste.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça e a oportunidade de poder fazer o Curso de Mestrado Integrado em Teologia em Braga - Portugal;

À minha família e a todos os amigos que tanto apoio me deram, desde o início do processo da minha vocação até chegar a este momento;

À Província Portuguesa da Ordem Franciscana dos Santos Mártires de Marrocos de Portugal, na pessoa do Provincial e seus conselheiros, e a todos os irmãos que me deram apoio durante estes anos todos em Portugal, à minha Fraternidade de São Boaventura de Montariol – Braga;

À Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, na pessoa do Diretor Adjunto da Faculdade de Teologia de Braga, aos seus docentes e funcionários;

Ao meu orientador, Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia, que me acompanhou durante todo o tempo da minha dissertação, com muita paciência e conhecimento.

RESUMO

Iniciamos o estudo do Prólogo do Evangelho de João (Jo 1, 1-18) com algumas aproximações ao contexto amplo do quarto Evangelho: o autor, a data e o lugar da composição, as fontes que lhe deram origem, a comunidade, a linguagem e as suas características. De seguida, fazemos uma aproximação ao texto em estudo e às suas características: o texto e a sua tradução, a delimitação textual, a análise morfossintática de palavras que consideramos de suma importância para o capítulo seguinte, e ainda a intertextualidade do Prólogo com a Sagrada Escritura, em geral, e dele com o Evangelho e as Cartas, em particular. Em terceiro e último lugar, fazemos uma leitura exegético-teológica do texto, destacando a sua relevância teológica.

Palavras-chave: Prólogo; Logos; Luz; Testemunho; Vida; Revelação.

ABSTRACT

We begin the study of the Prologue of the Gospel of John (John 1, 1-18) with some approaches to the broad context of the fourth Gospel: the author, the date and place of composition, the sources that gave rise to it, the community, the language and its characteristics. Next, we approach the text under study and its characteristics: the text and its translation, the textual delimitation, the morphosyntactic analysis of words that we consider to be of utmost importance for the following chapter, and also the intertextuality of the Prologue with the Sacred Scripture, in general, and his with the Gospel and the Letters, in particular. Thirdly and finally, we make an exegetical-theological reading of the text, highlighting its theological relevance.

Keywords: Prologue; Logos; Light; Testimony; Life; Revelation.

ÍNDICE	
DEDICATÓRIA	2
AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	4
SIGLAS E ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	9
I. O CONTEXTO AMPLO DO QUARTO EVANGELHO	13
1. O autor do quarto Evangelho	14
2. A data e o lugar da composição	17
3. As fontes do quarto Evangelho	20
4. A comunidade joanina	21
4.1. <i>Uma comunidade que cresce e aprofunda a sua identidade</i>	22
4.2. <i>Uma comunidade judeo-cristã</i>	23
4.3. <i>Uma comunidade em polémica com a sinagoga e os falsos profetas</i>	23
4.4. <i>Uma comunidade aberta a outros grupos</i>	25
5. A estrutura do quarto Evangelho	26
6. O estilo e a linguagem do quarto Evangelho	28
6.1. <i>Língua e estilo</i>	29
6.2. <i>Procedimentos literários</i>	31
6.2.1. <i>Diálogo</i>	31
6.2.2. <i>Narrativas</i>	32
6.2.3. <i>A ironia</i>	33
II. O PRÓLOGO DO QUARTO EVANGELHO (JO 1, 1-18)	34
1. O texto e a tradução	35
1.1. <i>O texto de Jo 1, 1-18</i>	35
1.2. <i>A tradução</i>	36

2. Um texto delimitado	37
3. Análise morfossintática	39
4. A intertextualidade de Jo 1,1-18 com o AT e o NT	42
4.1. <i>O Prólogo e a Sagrada Escritura</i>	43
4.2. <i>O Prólogo e o corpo joanino</i>	50
5. A estrutura de Jo 1, 1-18	58
III. UMA LEITURA EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE JO 1, 1-18	65
1. O Logos e a sua pré-existência (vv. 1-5)	65
1.1. <i>O Logos e Deus (vv. 1-2)</i>	68
1.2. <i>O Logos e a Vida (vv. 3-4.10.13)</i>	70
1.3. <i>O Logos e a Luz (vv. 5.9)</i>	71
2. O testemunho de João Batista	73
2.1. <i>João testemunha a Luz (vv. 6-8)</i>	74
2.2. <i>João testemunha o que vem depois dele (v. 15)</i>	75
3. O Logos fez-se carne e estabeleceu a tenda entre nós (Jo 1, 14)	77
3.1. <i>Estabeleceu a tenda entre nós (Jo 1, 14)</i>	78
3.2. <i>O acontecimento e a glória</i>	79
4. O revelador do Pai (vv. 16-18)	84
CONCLUSÃO	89
BIBLIOGRAFIA	92
1. Sagrada Escritura	92
2. Instrumentos	92
3. Livros	93
4. Artigos e Revistas	94

SIGLAS E ABREVIATURAS

AT	Antigo Testamento	NT	Novo Testamento
Gn	Livro do Génesis	Mt	Evangelho de Mateus
Ex	Livro do Êxodo	Mc	Evangelho de Marcos
Lv	Livro do Levítico	Lc	Evangelho de Lucas
Dt	Livro do Deuteronómio	Jo	Evangelho de João
Sab	Livro de Sabedoria	At	Atos dos Apóstolos
Sir	Livro do Ben Sirá	Rom	Carta aos Romanos
Sl	Livro dos Salmos	1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
Is	Livro de Isaías	2Cor	Segunda Carta aos Coríntios
Jz	Livro de Juízes	Gal	Carta aos Gálatas
Sm	Livro de Samuel	Ef	Carta aos Efésios
Prov	Livro de Provérbios	Fil	Carta aos Filipenses
Ecl	Livro de Eclesiastes	Col	Carta aos Colossenses
1Rs	Primeiro Livro dos Reis	1Tes	Primeira Carta aos Tessalonicenses
2Rs	Segundo Livro dos Reis	2Tes	Segunda Carta aos Tessalonicenses
BJ	Bíblia de Jerusalém	Heb	Carta aos Hebreus

BS	Bíblia Sagrada	1Ped	Primeira Carta de Pedro
BSPC	Bíblia Sagrada em Português Corrente	2Ped	Segunda Carta de Pedro
Cf	Conferir/Confrontar	1Jo	Primeira Carta de João
V	Versículo	2Jo	Segunda Carta de João
Vv	Versículos	Ap	Livro do Apocalipse
AH	Adversus Haereses	A/d/C	Antes /depois/ de Cristo

INTRODUÇÃO

O quarto Evangelho «começa por um poema de abertura que nomeamos de Prólogo, destinando assim a introduzir o leitor no corpo da narrativa evangélica»¹. Pode dizer-se, por isso, que o Prólogo de João «vem a ser uma espécie de introdução ao evangelho»² ou o resumo do conteúdo de todo o evangelho³. Contudo, nada de extraordinário quanto a isso, pois os autores dos outros três evangelhos, cada um à sua maneira, procederam de igual modo⁴.

Seja como for, «a leitura do Prólogo é fascinante, embora esteja carregada de interrogações e problemas, quanto à sua origem e pertença ao quarto Evangelho, a respeito da sua estrutura literária e a respeito do substrato histórico-religioso do qual surge»⁵.

O Prólogo do Evangelho de João (Jo 1, 1-18) forma uma peça única, com um ritmo poético e carregada de linguagem simbólica. Apresentando o Logos divino que estava junto de Deus, quando criou o mundo (cf. Jo 1, 1), diz que depois esse Logos desceu e assumiu a nossa natureza humana (cf. Jo 1, 14). Estando no seio do Pai, deu-no-lo a conhecer (cf. Jo 1, 18).

Depois de um prólogo (Lc 1, 1-4), Lucas começa a sua narrativa relatando os episódios que precederam o nascimento de Jesus e, depois, os que dizem respeito à sua infância, onde a vida de Jesus é, ao mesmo tempo, introduzida e prefigurada (cf. Lc 1-2). Mateus antepõe ao evangelho Genealogia de Jesus Cristo (cf. Mt 1, 1-17), remontando até Abraão. Só depois narra, com algum dramatismo à mistura, a figura e o início da existência de Jesus. Marcos limita-se a colocar no seu texto um título que comporta a palavra-chave «começo do evangelho...» e a menção da origem celeste: «de Jesus Cristo, Filho de Deus» (Mc 1, 1)⁶.

¹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 33.

² Cf. Francisco de la Calle, *A teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1985), 39.

³ Cf. Joachim Jeremias, *Abba y el mensaje central del Nuevo Testamento* (Salamanca: Sígueme, 1993), 305.

⁴ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 33.

⁵ Cf. Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 276.

⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 34.

No Evangelho de João, «o Prólogo [...] é uma espécie de abertura que apresenta em síntese o tema que vai desenvolver-se posteriormente. É um concentrado teológico para apresentar o núcleo do pensamento joanino, a irrupção no mundo dos homens da figura ímpar do único revelador»⁷. Ao contrário dos Sinóticos, João, ainda que remonte à origem, não a descreve como um nascimento maravilhoso (cf. Mt 1, 18-25), não a faz remontar ao primeiro Adão (cf. Lc 3, 38) e não a afirma simplesmente como a do «Filho de Deus» (Mc 1, 1). Ela está no próprio Deus⁸, na origem de todas as origens, no princípio de todos os princípios.

Num primeiro momento de leitura, «o Prólogo desconcerta a nossa lógica [...]. Qual a razão das duas menções a João Batista (Jo 1, 6-8.15)? Em que preciso momento do texto se trata propriamente de Jesus Cristo? Desde o exórdio (Jo 1, 1) ou desde a menção da recusa oposta pelos homens (Jo 1, 10-11), ou somente com a proclamação do Logos encarnado (Jo 1, 14), imediatamente depois da designação expressa do nome?»⁹.

Como vimos, as dificuldades que o leitor atento encontra podem ser múltiplas. Por isso, é compreensível que as interpretações do Prólogo sejam extremamente variadas. Segundo Xavier León-Dufour, «não é de propósito de fazer o levantamento dessa variação, mas antes de tentar fazer uma leitura do texto, de apresentar as alternativas de princípio entre as quais o exegeta deve optar»¹⁰.

Bento XVI elegeu o Prólogo de São João como guia da sua Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Não se trata, contudo, de um estudo sobre o Prólogo do quarto Evangelho, mas, sim, sobre os atributos conferidos ao Logos, no evangelho de João¹¹. Toma por referência constante Jo 1, 1-18, que nos dá a conhecer o fundamento da nossa vida: o Verbo, que desde o princípio

⁷ Cf. Francisco de la Calle, *A teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1985), 39.

⁸ Cf. Xavier León-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 34.

⁹ Cf. Xavier León-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 34.

¹⁰ Cf. Xavier León-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 34.

¹¹ Cf. *Revista de Cultura Teológica* - vol. 19 - n.º. 74 - Abr/Jun 2011, 32.

está junto de Deus, fez-Se carne e estabeleceu a sua tenda entre nós (cf. Jo 1, 14). Trata-se de um texto admirável, que aponta para uma síntese da fé cristã.

A opção de escolher este texto do Evangelho de João para a minha dissertação final surgiu como uma resposta pessoal ao fascínio e à curiosidade que nutro por ele, desde sempre, mas sobretudo a partir do momento em que, na Unidade Curricular de Escritos Joaninos, tive a oportunidade de me aperceber melhor da sua densidade de sentido e do seu conteúdo.

O método seguido é o exegético-teológico que consiste em, depois de um enquadramento geral, estudar o texto na sua materialidade, a fim de retirar dele a riqueza teológica que o habita. Contudo, na impossibilidade de tratar todos os temas aí contidos, fiz a opção por aqueles que, para mim se afiguram mais relevantes.

Se a escolha foi fácil, não foi assim o processo. Tratou-se, de facto, de um processo longo, difícil e, por isso, muito exigente. Com o meu empenho e a ajuda de muitos, felizmente tornou-se possível.

Com este trabalho, tentamos entrar dentro do texto e deixarmo-nos conduzir por ele. Para o resultado final, foram necessárias a investigação e a leitura de vários autores, a fim de captar uma maior visão e compreensão do assunto em análise. Assim, o presente trabalho coloca em evidência o papel e o contributo dessa investigação, neste âmbito, uma responsabilidade de grande importância para mim e para quantos queiram participar nesta reflexão.

No primeiro capítulo deste estudo, procuramos apresentar, em primeiro lugar, uma aproximação de leitura do seu contexto amplo, a saber: o autor do evangelho, a data, o lugar e as possíveis fontes do quarto Evangelho. Em segundo lugar, apresentamos a comunidade onde teria surgido este evangelho e as suas características. Debruçamo-nos ainda sobre a linguagem utilizada pelo autor na redação deste evangelho, com as suas características, a fim de entender o alcance que se lhe dá, numa panorâmica geral e global.

No segundo capítulo, o destaque vai para a materialidade do texto em estudo (Jo 1, 1-18). Num primeiro momento, apresentamos o texto em grego e a sua tradução, a sua delimitação textual, a estrutura do texto, a análise morfossintática de alguns vocábulos que consideramos como a chave de leitura do texto e que irão ser trabalhadas no capítulo seguinte, com mais atenção. A seguir, fazemos uma leitura de intertextualidade do Prólogo, em primeiro com diversos textos da Sagrada Escritura e, a seguir, com o corpo joanino e as respectivas Cartas.

No terceiro capítulo, fazemos um estudo exegético-teológico de João 1, 1-18, a fim de captar as suas ideias fundamentais. Para isso, num primeiro momento, foco-me na pré-existência do Logos: O Logos e Deus (vv. 1-2); O Logos e a Vida (vv. 3-4.10-13); O Logos e a Luz (vv. 5.9). Num segundo momento, destaco, sobretudo, o testemunho de João Batista (vv. 6-8.15). E, num terceiro momento, a revelação do Logos feito Carne em Jesus Cristo, o Revelador do Pai (vv. 14.16-18).

Por fim, apresentamos uma leitura da chave do Prólogo: «O Logos fez-se carne e estabeleceu a tenda entre nós» (Jo 1, 14), apresentando «Jesus Cristo como o Revelador do Pai» (Jo 1, 18). A nossa leitura é essencialmente crente, como, aliás, o foi também o propósito da sua redação: «Mas estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida no seu nome» (cf. Jo 20, 31).

I. O CONTEXTO AMPLO DO QUARTO EVANGELHO

O Evangelho de João, o quarto na ordem canônica é, desde sempre, atribuído ao Apóstolo Evangelista. As suas características literárias e teológicas particulares são bem distintas dos outros três Evangelhos, designados Sinóticos. É considerado o Evangelho «espiritual» e, se lhe foi reservado este epíteto, é sem dúvida pela profundidade com que ele olha o mistério de Cristo¹². É marcadamente cristológico, pois nele Jesus revela-se como Messias e Filho de Deus (cf. Jo 20,30-31), e ao mesmo tempo como revelador do Pai para os homens (cf. Jo 1,18).

O quarto Evangelho representa um ponto de referência singular, pois permite à exegese contemporânea extrair conclusões sobre a realidade histórica da época apostólica. Todavia, basta uma pequena passagem panorâmica sobre as suas avaliações, ao longo do século XX, para perceber a diversidade existente entre as várias posições que, muitas vezes, estão até mesmo em contraposição entre si¹³.

A tradição eclesial atribuiu a João, o Apóstolo Evangelista, não só o quarto Evangelho, como também as três Cartas e o Livro de Apocalipse. Estes textos são conhecidos, a partir de então, pela expressão “Escritos Joaninos”¹⁴. Apesar disso, a exegese atual tem dificuldade em articular o Evangelho e as Cartas com o Apocalipse, por diversas razões: o estilo e a linguagem são bastante diferentes. Além disso, o grego das Cartas e do Evangelho é simples, ao passo que o do Apocalipse talvez é menos regular¹⁵.

O quarto Evangelho abre com um Prólogo (cf. Jo 1, 1-18) em forma de poema e possui uma singular importância teológica. Jesus Cristo, Verbo Eterno de Deus, Criador do mundo junto ao Pai (cf. Jo 1, 1-2), luz verdadeira (cf. Jo 1, 9), encarnou para comunicar ao mundo e

¹² Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 3.

¹³ Alfred Läppel, *Bíblia. Interpretação atualizada e catequese* (São Paulo: Paulinas, 1980), 171.

¹⁴ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 13.

¹⁵ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 14.

aos homens a luz (cf. Jo 1, 9), a revelação definitiva e salvadora para todos. No entanto, os judeus ainda não o receberam, apesar de terem tido o testemunho de João Batista (cf. Jo 1, 6); mas àqueles que O recebem e creem nele, eleva-os à condição de filhos de Deus (cf. Jo 1, 12).

Depois desta breve introdução, passamos a apresentar alguns dos aspetos do quarto Evangelho: o autor, a comunidade e a estrutura; o estilo e a linguagem; a intertextualidade e delimitação do texto.

1. O autor do quarto Evangelho

Quando falamos de uma obra, surge-nos, de imediato, a vontade de descobrir o seu autor, a data e o lugar da sua composição e as fontes que estão na sua origem. Para tal, servimo-nos do que dizem alguns dos estudiosos consagrados do Evangelho de João.

O quarto Evangelho é escasso, tanto quanto os Sinóticos, em informações sobre o seu autor. O título “segundo João”, nota que aparece nos manuscritos, não é anterior ao momento em que a coleção dos quatro Evangelhos canónicos foi organizada¹⁶. A indicação mais importante aparece no último capítulo, onde é implicitamente referido como autor do livro (cf. Jo 21, 24), insistindo, ao mesmo tempo, que o seu testemunho sobre o conteúdo da obra é credível¹⁷.

Outros autores, como Raymond Edmund Brown, defendem que, no que diz respeito ao autor do Evangelho, devem estar incluídos duas personagens diferentes: o “discípulo amado”, João, filho de Zebedeu, que está na origem da tradição; e o evangelista, que escreveu o texto¹⁸.

Alfred Wikenhauser constata que há outras passagens, no Evangelho, em que se faz menção a um discípulo, mas sem lhe atribuir um nome ou explicar que é “aquele a quem Jesus

¹⁶ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 23.

¹⁷ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 23.

¹⁸ Cf. Raymond Edmund Brown, *La communauté du Disciple Bien-Aimé* (Paris: Latour-Moubourg, 1983), 33-37.

amava”. A primeira é no relato da paixão: Pedro e “outro discípulo”, que era “conhecido do sumo-sacerdote”, seguem Jesus desde a prisão até ao palácio do sumo-sacerdote (cf. Jo 18, 15-16). A segunda está no início do livro: dos dois discípulos de João Batista que se uniram a Jesus, um era André, mas o nome do outro é intencionalmente omitido (cf. Jo 1,40ss). É provável que, nesses dois casos, também se aponte para o discípulo amado¹⁹.

Na perspectiva de José Luís Espinal, embora tenha havido muito progresso no entendimento deste Evangelho, não se descobriu o seu autor nem o discípulo amado foi indiscutivelmente identificado. Sabemos, sim, que o discípulo amado, neste caso, é um modelo de discípulo que Jesus amava: quem vai com Pedro e corre o mesmo risco não nega a Jesus (cf. Jo 18, 14-18). Além disso, enquanto todos fogem, o discípulo amado permanece ao pé da cruz de Jesus (cf. Jo 19, 26). Por outro lado, antes de experimentar as aparições de Jesus, acreditou na ressurreição, por sua palavra (cf. Jo 20, 8-9)²⁰.

Segundo Alfred Wikenhauser, o autor deste Evangelho é um verdadeiro Apóstolo e identifica-o com João, filho de Zebedeu. Ao mesmo tempo, apresenta-o como a figura do Apóstolo ideal, aquele que conhece e entende em toda a profundidade a revelação de Deus, em Jesus Cristo. Por outras palavras, idealiza o Apóstolo João²¹.

Autores como Josep Oriol Tuñi e Xavier Alegre levantaram a questão de que, conforme registado na história da investigação, o tema do autor do Evangelho de João foi o ponto de partida da pesquisa crítica e constituiu, até o século XX, o cerne da questão joanina. Precisamente por esse motivo, é um assunto estudado como poucos e desenvolvido com verdadeiros detalhes e rigor²². No entanto, não se pode negar que os argumentos, por mais aceitáveis que sejam, estão ainda longe de serem definitivos. Além disso, a elaboração

¹⁹ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 23-24.

²⁰ Cf. José Luís Espinal Marcos, *Evangelio según San Juan* (Salamanca: San Esteban, 1998), 41.

²¹ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan*, (Barcelona: Herder, 1967), 25.

²² Cf. Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 141.

progressiva do Evangelho torna cada vez mais difícil colocar a figura de João nos vários níveis de escrita que são detetados no texto²³.

De acordo com Jo 19, 35, é uma testemunha ocular que afirma ter visto sangue e água saindo do lado de Jesus, aberto pela lança. E como o discípulo amado era o único dos Apóstolos que estava ao pé da cruz, ao falar aqui de si mesmo, na terceira pessoa, assegura ter estado presente na cena do crucificado²⁴.

Durante muitos séculos, a tradição eclesiástica afirmou, a pés juntos, que o autor é João, irmão de Tiago e filho do Zebedeu de Cafarnaum, pescadores do lago de Tiberíades. Tal tradição afirma ainda que Ireneu conhecia Policarpo, bispo de Esmirna, que, por sua vez, tinha conhecido João, o discípulo amado. A maioria dos autores modernos entendem que esta posição tem mais a ver com o critério da autoridade apostólica, no sentido de propor o cânon das Escrituras, do que com a realidade histórica²⁵.

Contudo, Russell Norman Champlin, levanta a questão de que, se confiássemos somente na tradição eclesiástica, sem qualquer outra indicação, seríamos forçados a aceitar a autoria joanina deste Evangelho, e com isso quer dizer que João, o Apóstolo, filho de Zebedeu, foi o seu autor.

Em favor desse ponto de vista, está a tradição da Igreja: o *Prólogo antimarcionita*, Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o cânon *muratoriano*, e também Teófilo, em seu tratado *Ad Apostolycum*. Alguns consideram mesmo que a mais antiga referência ao Apóstolo João, como autor desse Evangelho, [...]. Seja como for, a afirmação da autoria joanina não poderia ser posta muito antes do que isso. Os testemunhos derivam de lugares bem dispersos, como a Ásia, a Gália, o Egito, a África e Roma²⁶.

²³ Cf. Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 142.

²⁴ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 24.

²⁵ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 44.

²⁶ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 251.

Além destas possibilidades, Xavier León-Dufour afirma que, longe de se considerar o autor como um escritor solitário, os testemunhos mais antigos o associam regularmente a algum outro personagem. Papias falava de um certo “João Presbítero”; Clemente de Alexandria nota que o livro teria sido escrito pelo Apóstolo, incentivado por seus discípulos: uma lista de livros para serem lidos durante a liturgia, datada de cerca de 170, precisa que se João escreveu em seu próprio nome, ele o fez com a aprovação de todos²⁷.

Por fim, se concluirmos que a narrativa de João 18, 15-17 se refere ao discípulo amado – e não há razões para o negar –, também temos de concluir que semelhante personagem não podia ser um pescador da Galileia, pois ninguém concebe que um tal personagem fosse conhecido e íntimo do próprio sumo-sacerdote²⁸ e apresentasse tal nível de reflexão e tal capacidade de expressão.

2. A data e o lugar da composição

Para estabelecer a data da composição final deste Evangelho, levam-se em conta três tipos de argumentos ou critérios. O primeiro reúne os argumentos de tipo teológico: as teses de que a teologia do Evangelho segundo João é a mais desenvolvida de todo o Novo Testamento [...] e, portanto, posterior à que está presente nos Evangelhos Sinóticos²⁹.

Apresentamos, de seguida, alguns dados internos do Evangelho em que o tema aparece. O primeiro tem a ver com a expulsão da sinagoga (cf. Jo 9,22; 12,43). Segundo alguns estudiosos, entre os quais Raymond Edmund Brown, esse tema entrou na fase final da composição do Evangelho, situada muito provavelmente, segundo ele, em torno do ano 90³⁰.

²⁷ Cf. Xavier León-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 12.

²⁸ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 44.

²⁹ Cf. Cláudio Vianney Malzoni, *Comentário ao Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 28-29.

³⁰ Cf. Cláudio Vianney Malzoni, *Comentário ao Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 29.

Joaquim Carreira das Neves, seguindo a informação de alguns autores em que se apoia, é da opinião que o evangelho de João teria tido a sua redação final entre os anos 80-90³¹. Outros dados do Evangelho pressupõem a morte de Pedro (cf. Jo 21,18-19), que teria ocorrido pelo final da década de 60, e João 21,22-23 parece pressupor também a morte do Discípulo Amado e o desaparecimento da primeira geração de testemunhas de Jesus, o que leva a datar a redação final deste Evangelho entre os anos 90 e 100³².

Ora, para além dos dados apresentados, este autor ainda nos apresenta outros. Os mais antigos testemunhos manuscritos do Evangelho segundo João são quatro papiros gregos: \mathfrak{P}^{52} , datado entre 135 e 150, o mais antigo entre todos os manuscritos conhecidos do Novo Testamento, mas do qual se conservou uma porção muito limitada de texto (Jo 18, 31-33.37-38); \mathfrak{P}^{66} , datado de cerca do ano 200, em estado fragmentário, que apresenta apenas o Evangelho segundo João; \mathfrak{P}^{77} , também datado de cerca do ano 200, em melhor estado de conservação (conserva o Evangelho segundo Lucas e o Evangelho segundo João); \mathfrak{P}^{45} , datado do século III, que contém os quatro Evangelhos e os Atos dos Apóstolos³³.

Também o lugar da composição do quarto Evangelho está ainda em discussão, tendo por base o testemunho de Ireneu, no seu *Adv. Haer.* 3,1,2, que aponta para Éfeso como possibilidade. Trata-se de um testemunho algo duvidoso, dado que assume a identidade do discípulo amado e autor do quarto Evangelho com o apóstolo João³⁴.

Entretanto, Russell Norman Champlin apresenta quatro possibilidades, a ter em consideração: Jerusalém, Antioquia, Éfeso e Alexandria³⁵. Segundo ele, os que defendem Jerusalém como o lugar de composição do Evangelho contam com o apoio no facto de que o próprio escrito revela bom conhecimento, por parte de seu autor, acerca dos costumes judaicos,

³¹ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 47.

³² Cf. Cláudio Vianney Malzoni, *Comentário ao Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 29.

³³ Cf. Cláudio Vianney Malzoni, *Comentário ao Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 30.

³⁴ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 33.

³⁵ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 254.

do templo e da geografia de Jerusalém e arredores. A aparente similaridade dos chamados papiros do Mar Morto (encontrados em Qumran, uma possível comunidade de essênios), em comparação com o Evangelho de João, poderia sugerir, pelo menos, uma origem palestina do mesmo³⁶.

Alguns estudiosos têm apelado para a grande semelhança entre o pensamento e a fraseologia do Evangelho de João e as epístolas de Inácio, bispo de Antioquia. O mesmo se pode dizer em relação à semelhança com as Odes de Salomão, que foram escritas no idioma siríaco, e parece terem surgido em Antioquia da Síria, cidade onde, segundo eles, teria surgido também o Evangelho de João. Confirmando ainda mais essa ideia, existe um fragmento, em siríaco, do comentário de Efrém, sobre o *Diatéssaron* de Taciano, que diz: «João escreveu este Evangelho, em Antioquia, porquanto permaneceu aí até aos tempos de Trajano»³⁷. Não temos meio algum de comprovar a exatidão dessas informações, porquanto não sabemos qual a sua origem final.

A tradição mais persistente e forte tem vinculado este Evangelho à cidade de Éfeso, sem se importar se João o escreveu ou não; se é trabalho de um grupo de discípulos de João; se foi um só autor ou diversos que publicaram o livro, sob a autoridade apostólica de João. A tradição também vincula o Apóstolo João com essa cidade³⁸.

Ainda em relação a Éfeso, Charles Kingsley Barrett acrescenta testemunhos para este local, como o de Polícrates e a proximidade de João com Melitón de Sardes e com as Cartas de João. Mas as mesmas razões também podem ser invocadas para uma origem do Evangelho de João em Alexandria ou Antioquia³⁹.

³⁶ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 254.

³⁷ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 254.

³⁸ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 254.

³⁹ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 33.

É sabido que o Evangelho de João exerceu poderosa atração sobre os gnósticos de Alexandria e que o mesmo tem marcantes afinidades com certos pensamentos e linguagem que se encontram nos escritos herméticos⁴⁰. Não obstante, não há qualquer tradição sólida que vincule este Evangelho com Alexandria, como, por outro lado, se verifica com Éfeso. E essa é a razão por que a teoria não tem alcançado aceitação generalizada⁴¹.

3. As fontes do quarto Evangelho

Relativamente à origem do Evangelho de João, muitos exegetas procuram compreender a sua formação a partir de fontes preexistentes ao autor-redator final, sobretudo as fontes dos “sinais” e da “paixão-morte”. As divergências entre eles consistem na fundamentação e extensão literárias das mesmas e na dimensão cristológica a elas inerente⁴².

A fonte dos “sinais” aponta para o messianismo de Jesus e já para a sua paixão e morte, como realização da profecia. A parte doutrinal apresenta a identidade e a glória de Jesus⁴³. Segundo R. Bultmann, citado por Joaquim Carreira das Neves, o evangelho segundo João passou por um processo redacional complexo que teve como ponto de partida a utilização de três fontes escritas: a) A fonte dos sinais: o evangelista teria utilizado uma coleção mais ampla de narrativas de milagres de Jesus. Nessa coleção, que estaria escrita num grego influenciado por uma sintaxe semítica, os milagres estariam numerados; b) A fonte dos discursos de revelação: de onde o evangelista tirou os discursos atribuídos a Jesus. Daí viria também o Prólogo. Essa fonte estaria escrita em aramaico. Ao passar para o grego, manteve-se a forma

⁴⁰ Tipo de misticismo especulativo que prevaleceu no Egito e em outros lugares do mundo antigo, que supostamente teria sido dado por um sábio *endeusado* (*divinizado*), chamado Hermes Trismegisto, isto é, «três vezes o maior».

⁴¹ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 254.

⁴² Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 51.

⁴³ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 51.

poética. R. Bultmann caracterizou a teologia desse escrito como gnóstico-oriental primitiva. Segundo ele, o evangelista teria desmitologizado e cristianizado esses discursos; c) O relato da paixão e ressurreição: também escrito em grego, mas influenciado por semitismos⁴⁴. Trata-se de um relato independente do que foi utilizado pelos Sinóticos⁴⁵.

4. A comunidade joanina

Quando falamos da comunidade joanina, falamos certamente da comunidade do discípulo amado de Jesus⁴⁶, que apenas aparece neste Evangelho. É uma comunidade em que se vivia e se celebrava a fé. Senén Vidal afirma que as origens da comunidade remontam aos discípulos de Jesus, à região da Judeia⁴⁷.

Contudo, o evangelista dá-nos a entender também que é uma comunidade que não viveu sempre em paz e harmonia, mas teve alguns momentos de conflitos e controvérsias, concretamente com as autoridades judaicas (Capítulos 2 e 3, alguns capítulos seguintes e mais especificamente Jo 9, 12; 12, 42; e 16, 12). Não só se registaram conflitos externos, como também alguns dentro da própria comunidade. Haveria razões para estes conflitos internos? Uma outra questão deve colocar-se: haverá alguma relação entre a comunidade joanina e outros escritos joaninos, na eventualidade da sua existência?

Para responder a estas questões, destacamos as opiniões de autores como Annie Jaubert, Giuseppe Segalla e Senén Vidal, que apresentaram as suas posições, argumentos e respetivas críticas. Annie Jaubert fala de uma “escola joanina”, talvez pela simples razão de que ela estaria na origem do quarto Evangelho, mas não o teria redigido. Este Evangelho teria conhecido uma

⁴⁴ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 67.

⁴⁵ Cf. Cláudio Vianney Malzoni, *Comentário ao Evangelho segundo João* (São Paulo: Paulinas, 2018), 25.

⁴⁶ Cf. Senén Vidal, *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús* (Salamanca: Sígueme, 1997), 42.

⁴⁷ Senén Vidal, *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús* (Salamanca: Sígueme, 1997), 42.

longa elaboração nos ambientes judeo-helenistas, marcados por diversas filosofias⁴⁸. Uma “escola joanina” aparece, da mesma forma, em Senén Vidal⁴⁹.

Na verdade, a ideia que expomos pertence a Giuseppe Segalla⁵⁰, embora não tenha sido incluída no património da ciência neotestamentária. Neste âmbito, destacamos a seguir a organização e o processo do desenvolvimento deste Evangelho, que sobressai desta comunidade. Contudo, de entre as várias estruturas e características possíveis, optámos por apresentar a de Josep Oriol Tuñi e Xavier Alegre. Para estes autores, a comunidade joanina pode ser caracterizada tendo em conta os seguintes parâmetros: trata-se de uma comunidade que aprofunda a sua identidade, que pertence à raiz judeo-cristã, em polémica com a sinagoga e aberta a outros grupos⁵¹.

4.1. Uma comunidade que cresce e aprofunda a sua identidade

Na perspetiva de José Oriol-Tuñi e Xavier Alegre, um dos primeiros aspetos a assinalar é o de a comunidade joanina estar em crescimento e, por isso mesmo, se encontrar num processo de aprofundamento da sua identidade. É uma comunidade que assume a demanda de conhecer aquele que segue, Jesus Cristo. Numa linha geral, há um traço comum a todas as comunidades das origens: procurava conhecer-se e conhecer as suas características culturais, a sua vivência religiosa⁵² e prática litúrgica⁵³. Além disso, possuía uma tradição e práticas judaicas gerais, como qualquer outro grupo religioso do judaísmo da época⁵⁴.

Salienta-se ainda algumas determinações espaço-temporais da narrativa e todas as referências simbólicas ao sistema ritual judaico que são reveladas na narrativa joanina, através

⁴⁸ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 9.

⁴⁹ Senén Vidal, *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús* (Salamanca: Sígueme, 1997), 41.

⁵⁰ Giuseppe Segalla, *Evangelio e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 344.

⁵¹ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 135-172.

⁵² Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 145-146.

⁵³ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 15.

⁵⁴ Senén Vidal, *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús* (Salamanca: Sígueme, 1997), 43.

de breves indicações. Isso significa que a cultura religiosa judaica constitui a base implícita do texto. Essa cultura manifesta-se no texto, apenas nos casos em que o redator tenta estabelecer uma relação dialética entre Jesus e o meio ambiente⁵⁵. Há um outro elemento a notar: encontram-se no Evangelho os fragmentos de uma cristologia primitiva, aprofundados pela teologia do Evangelho de João.

4.2. Uma comunidade judeo-cristã

Segundo Josep Oriol Tuñi e Xavier Alegre, talvez esta comunidade tenha nascido em Éfeso, eventualmente num mundo ou cultura judaica que transparece do Evangelho, pela simples razão de que o Pai de Jesus era o Deus judaico. A cristologia do quarto Evangelho tem marcas judaicas, pois os títulos messiânicos são aplicados a Jesus Cristo: Filho de Deus, Messias, aquele sobre quem Moisés escreveu. A comunidade joanina é tipicamente judeo-cristã⁵⁶.

Todavia, clarifique-se que este judaísmo é bem diferente do oficial, pelo facto de, na redação final do Evangelho, provavelmente no ano 90 d. C., já ter havido um corte entre a sinagoga e o movimento cristão. Neste sentido, o Evangelho de João deixa transparecer isto muito bem, ou seja, demarca-se do judaísmo oficial. A sua disposição ia no sentido da renovação do judaísmo⁵⁷.

4.3. Uma comunidade em polémica com a sinagoga e os falsos profetas

Quando se fala em polémica, referimo-nos concretamente aos conflitos dentro da comunidade, a dois níveis: externo e interno.

⁵⁵ Adriana Destro e Mauro Pesce, *Como nació el cristianismo joánico* (Bilbao: Sal Terrae, 2002), 31.

⁵⁶ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 146.

⁵⁷ Senén Vidal, *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús* (Salamanca: Sígueme, 1997), 43.

A nível externo do conflito aparece claramente confirmada no Evangelho. A controvérsia concentra-se na reivindicação cristã da comunidade em relação à identidade de Jesus⁵⁸: «Tu, sendo um homem, a ti próprio te fazes Deus» (cf. Jo 9, 22; 10, 33; 12, 43; 16, 2). É um texto que utiliza o termo ἀποσυνάγωγος⁵⁹, que significa, literalmente, “excluído da sinagoga”; e, quando fala das festas, refere-se sobretudo às festas dos judeus.

O vocábulo utilizado é termo que aparece três vezes em João, (cf. Jo 9, 22; 12, 42 e 16, 2) e é inclusivamente uma expressão sua. Ser excluído da sinagoga significava ser posto fora da comunidade judaica e perder alguns privilégios judiciais e sociais. O modo de João falar da lei e das festas é o de alguém que parece não pertencer à comunidade, (cf. Jo 6, 4; 7, 12.19; 10, 34; 15, 25).

Encontramos nos capítulos 5-10 de João, por um lado, o conflito entre Jesus e os chefes dos Judeus de Jerusalém e, por outro, a alusão a uma dificuldade de relacionamento entre a comunidade joanina e os chefes judaicos⁶⁰. E o motivo destas dificuldades consistia no facto de os cristãos afirmarem Jesus como messias (cf. Jo 20, 30-31).

A nível interno, a comunidade joanina vivia ainda um outro conflito: os ‘falsos profetas’ e os ‘anticristos’ (cf. 1Jo 4, 1-3)⁶¹.

Para além destes dois conflitos mencionados, existe um outro que domina a fase pré-evangélica da existência da comunidade joanina e se tornou num elemento importante no Evangelho, após a conversão dos samaritanos, no capítulo 4. A presença de novos grupos, formados por judeus que se opunham ao Templo, e aos seus convertidos samaritanos, fez a comunidade joanina suspeitar das autoridades judaicas da sinagoga. Alguém ficaria tentando a

⁵⁸ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 147.

⁵⁹Cf. Academic-Bible, in: <https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/bibel/text/lesen/stelle/53/90001/99999/ch/fdef1e4a3ed23aaf6529614ea6beed98/>.
Accedida em 16/04/2023.

⁶⁰ Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 147.

⁶¹ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 6.

pensar que o tom hostil de João, quando menciona os judeus, poderia ter sido emprestado pelos samaritanos, para os quais, já que não são considerados judeus, essa atitude seria muito natural⁶².

4.4. *Uma comunidade aberta a outros grupos*

A comunidade joanina estava longe de se encerrar em si mesma. De facto, era um grupo plural, composto de judeo-cristãos e de pagãos convertidos. Mas esta característica de universalidade não se cingia ao domínio interno, pois é notória a sua abertura face aos samaritanos⁶³.

Na verdade, apercebemo-nos desta característica, ao confrontarmo-nos com o conjunto de títulos messiânicos presentes no quarto Evangelho: “Salvador do mundo”, “Messias que há-de vir”, “Verdade”, títulos que apontam não para o judaísmo oficial, mas para grupos judaicos. Por isso, quando se fala de outras comunidades, pode acrescentar-se ainda: uma comunidade aberta à reflexão filosófica, levada a cabo por diversos grupos ou diversas tendências filosóficas do helenismo de então⁶⁴.

Pode-se dizer que é hoje um dado certo que, por detrás de cada Evangelho, reside uma comunidade cristã – ou comunidades – e que os respetivos Evangelhos procuram responder, pela fé e pela catequese, aos problemas de fé e de pastoral das respetivas comunidades. E, se isto é verdade para os Sinópticos, muito mais para o quarto Evangelho⁶⁵, independentemente dos problemas que encontramos e conseguimos identificar dentro destas próprias comunidades, principalmente nas comunidades de João.

⁶² Raymond Edmund Brown, *La communauté du disciple Bien-Aimé* (Paris: Latour-Moubourg, 1983), 44.

⁶³ Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 147.

⁶⁴ Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 147.

⁶⁵ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 49.

5. A estrutura do quarto Evangelho

A estrutura e a ordem do Evangelho segundo João correspondem à intenção e ao projeto do próprio Apóstolo, movido pela ação do Espírito Santo. Pretendeu escrevê-lo⁶⁶, como ele mesmo diz, na conclusão do Evangelho: «Muitos outros sinais, realizou Jesus diante dos seus discípulos, que não estão neste livro. Mas estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida no seu nome» (cf. Jo 20,30-31).

De entre muitas e variadas estruturas apresentadas, optámos pela de Giuseppe Segalla⁶⁷:

- Prólogo hínico: Jo 1, 1-18

- Prólogo narrativo: Jo 1, 19-51

1, 19-34 (testemunho de João): dístico (vv. 19-28: Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; vv. 29-34: Jesus é o Filho de Deus).

1, 35-51 (primeiros discípulos): dístico (vv. 35-42; 43-51).

As quatro cenas sucessivas são assinaladas e divididas pela indicação temporal “no dia seguinte” (1, 29.35.43).

A. Livro dos Sinais e dos discursos de Revelação: (Jo 2, 1 - 12, 50)

- Primeira secção: 2, 1-4, 54 (de Caná a Caná). É uma unidade delimitada pela inclusão de 2, 1.11 e 4, 46. Caracteriza-se pela primeira revelação de Jesus (sinais e diálogos) e pela primeira resposta de fé, (cf. Jo 2, 11.22; 3, 4-42; 4, 46-54).

- Segunda secção: 5, 1-10.42 (Jesus e as festas judaicas). Há aqui um crescente conflito e oposição contra Jesus, no ambiente judaico de Jerusalém; sinais e discursos de revelação em relação um ao outro e conclusão intermédia. A unidade literária é delimitada pela inclusão de 5, 18 e 10, 30-33. São aqui reinterpretadas as festas judaicas: o Sábado (5); a Páscoa (6); a festa das tendas (7-9); e a festa da dedicação do Templo (10).

⁶⁶ Cf. José María Casciaro, *Evangelio según San Juan* (Pamplona: Universidad de Navarra, 1980), 49.

⁶⁷ Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 322.

- Terceira secção: 11, 1 - 12, 36a (Cenas que indicam a iminência da morte de Jesus).

Nesta secção literariamente, temos duas conclusões: a da secção anterior (10, 40-42) e a seguinte contém toda a primeira parte (12, 36b-50).

B. Livro da realização da obra e do regresso ao Pai (Jo 13, 1-20, 29)

- Primeira secção: 13, 1-17, 26 (os discursos do adeus), que depois se conclui com a Oração Sacerdotal.

- Segunda secção: 18, 1-19, 42 (o drama da paixão do ‘horto ao horto’) e a morte enquanto a exaltação de Jesus como Rei de um reino que não pertence a este mundo e o cumprimento da sua obra salvífica.

- Terceira secção: 20, 1-31 (o Senhor Ressuscitado). Dois díticos (vv. 1-18; 19-29) e a conclusão geral do Evangelho (20, 30-31). Esta unidade narra que Jesus Ressuscitado deve subir ao Pai (20, 17), donde tinha vindo.

- Epílogo: 21, 1-23. Aberto à futura história da Igreja até à Parusia.

- Segunda conclusão geral: 21, 4-25⁶⁸.

Como acabámos de apresentar, o quarto Evangelho é composto por 21 capítulos. Possui um Prólogo de abertura (Jo 1, 1-18), em que marcam presença alguns dos grandes temas, de importância teológica, que irão aparecer ao longo de Evangelho. Cristo, Verbo Eterno, existia antes da criação do mundo e estava junto do Pai (cf. vv. 1-2), como Luz Verdadeira (cf. v. 9), que encarnou e habitou entre nós (cf. v. 14) para comunicar ao mundo e aos homens a luz (cf. v. 9), a revelação definitiva e salvadora para todos e o Único que nos revelou o Pai (cf. v. 18).

Temos ainda duas partes claramente diferenciadas, em que a primeira contempla sobretudo o ministério público de Jesus (cf. Jo 1, 19 - 12, 50) e a segunda que abarca sobretudo os relatos da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (cf. Jo 13-20). A primeira parte é

⁶⁸ Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 290-291.

chamada “Livro dos Sinais”, porque nela se apresenta os sinais realizados por Jesus; a segunda parte é designada por “Livro da Glória”, pois João considera que a Cruz é o início e a causa da glorificação e da exaltação de Jesus⁶⁹.

Como se deduz, o quarto Evangelho é constituído por duas conclusões: Jo 20, 30-31 e Jo 21, 24-25⁷⁰. Nas palavras de Joaquim Carreira das Neves, a segunda conclusão é adicionada ao epílogo, «para responder a assuntos de ordem eclesial que foram surgindo nas comunidades joaninas. A crítica textual não apresenta qualquer prova do quarto Evangelho sem este epílogo, como adição de um tempo posterior. Desta forma, o Evangelho deve ser visto e estudado como uma unidade literária»⁷¹.

6. O estilo e a linguagem do quarto Evangelho

Abordamos habitualmente o Evangelho de João com a convicção de que é uma obra de um espírito teológico incomum. Talvez isso leve a pensar que possui uma linguagem subtil e profunda. Contudo, a linguagem de João é extremamente simples e chega a ser pobre⁷², do ponto de vista literário: nas suas 15.146 palavras, João usa 1011 diferentes, enquanto Mateus usa 1691, Marcos 1345 e Lucas 2055 (mais do dobro de João). O grego de João não é tão literário como o de Lucas, mas também não é um grego popular⁷³. De facto, o vocabulário do quarto Evangelho é reduzido.

⁶⁹ Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 112.

⁷⁰ “Muitos outros sinais realizou Jesus diante dos discípulos, que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida no seu nome” (cf. Jo 20,30-31); “Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e que as escreveu, e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez, que se fossem escritas uma por uma, considero que nem o próprio mundo poderia conter os livros que se escreveriam” (cf. Jo 21,24-25).

⁷¹ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 18.

⁷² Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 19-20.

⁷³ Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 322.

6.1. Língua e estilo

O grego do Evangelho de João é *koiné* (κοινή) isto é, a linguagem comum que, nos tempos do Novo Testamento, era herdeira da diversidade dos dialetos dos gregos anteriores. Era uma língua franca usada na região do Mediterrâneo como veículo de comunicação⁷⁴.

Do ponto de vista literário, como dissemos, a linguagem de João é pobre e, por vezes, abstrata, deixa transparecer um certo dualismo (luz-trevas, verdade-mentira, alto-baixo, terra-céu), um pouco à maneira da literatura de Qumrân⁷⁵. Todavia, é expressiva e tem em si o poder evocativo e de um profundo simbolismo. Contém muitas palavras-chave, tais como: verdade (ἀλήθεια), luz (φῶς), vida (ζωή), amor (ἀγάπη), glória (δόξα), mundo (κόσμος), julgamento (κρίσις), hora (ᾠρα), testemunho (μαρτυρία), água (ὕδωρ), espírito (πνεῦμα), amar (ἀγαπάω), conhecer (γινώσκω), ver (ὁράω), crer (πιστεύω), ouvir (ἀκούω), testemunhar (μαρτύρομαι), fazer (γίνομαι), julgar (κρίνω)⁷⁶.

Através destes termos, o evangelista apresenta o desafio de fé que Jesus coloca aos judeus⁷⁷ e ao mundo⁷⁸. Uma determinação mais precisa do carácter linguístico, bem como o estilo e o movimento das ideias do quarto evangelista, é importante, por várias razões.

A linguagem poderá revelar algo sobre a sua origem e o seu ambiente; o estilo é importante, também, para questões de crítica literária, para a homogeneidade do trabalho, o uso de fontes e a redação textual; o movimento de ideias permite tirar conclusões mais tarde sobre o perfil intelectual do autor e é de importância imediata para a exegese⁷⁹.

⁷⁴ Cf. Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 20.

⁷⁵ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 34.

⁷⁶ Cf. Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 20.

⁷⁷ No Evangelho de João, o termo “judeus” tem habitualmente uma conotação negativa: refere-se aos contemporâneos incrédulos - sobretudo os guias do povo – que deliberadamente rejeitaram Jesus como Messias (v. 16). Também aparece com sentido étnico-religioso (vv. 1; 2, 6.13; 3, 1; 19, 42) e até com o sentido de Povo de Aliança (Israel), em 4, 22.

⁷⁸ O termo “mundo”, aqui no seu aspeto negativo, remete para aqueles que recusam Jesus e se fecham a Deus (Jo 6, 37.44.65).

⁷⁹ Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1980), 133.

No entanto, mesmo que o vocabulário do quarto Evangelho seja restrito, as palavras usadas estão carregadas de significados teológicos, que revelam a originalidade de João. Basta pensar em expressões frequentes no quarto Evangelho e raras nos Sinóticos, como⁸⁰:

Vocabulário	João	Mateus	Marcos	Lucas
Ἀγάπη	44	9	6 (5)	14
Ἀλήθεια/ἀληθεύς/ἀλήθινος	46	2	4	4
Γινώσκειν	57 (56)	20	13	28
Εἰμί	54	14	4	16
Ζωή	36 (35)	7	4	5
Ἰουδαῖος	67 (66)	5	6	5
Κόσμος	78	8	2	3
Μαρτυρία/ιον/ρειν	47	4	6	5
Μένω (permanecer)	40 (39)	3	2	7
Πάτηρ	118	45 (44)	4	17 (16)
Φῶς	21	7	1	6

O Evangelho de João tem um estilo direto e uma sintaxe bastante elementar. Utiliza o presente histórico (verbos no tempo presente, porém com significação passada), ainda mais do que o Evangelho de Marcos, e as frases são muitas vezes articuladas através da conjunção καί (e). Outras vezes, as sentenças são simplesmente justapostas, sem nenhuma partícula que as vincule. Não há longos períodos, apesar da abundância de material discursivo. Os verbos compostos com preposições são menos frequentes do que os verbos simples. O conjunto é, portanto, relativamente simples e direto⁸¹.

De acordo com a peculiaridade da linguagem joanina, há palavras que têm uma relação mútua muito forte, como se pode ver na frequentemente examinada entre *crer* (πιστεύειν) e

⁸⁰ Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 322.

⁸¹ Cf. Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 20.

conhecer (γινώσκειν). No entanto, há algo que não pode ser negado: existe um inconfundível estilo joanino, que pode ser reconhecido tanto no Evangelho, quanto nas cartas⁸².

Para Josep Oriol Tuñi e Xavier Alegre, o grego do Evangelho de João é acessível, embora bastante pobre, do ponto de vista literário. Em todo o Evangelho, encontramos um pouco mais de 1000 palavras diferentes e a frase mais longa é de João 13,1 (pode ser comparada com o prefácio de Lc 1, 1-4)⁸³.

6.2. *Procedimentos literários*

Como sabemos, na redação dos Evangelhos, cada evangelista tem o seu próprio estilo e a sua própria maneira de apresentar e de escrever, utilizando as técnicas adequadas para tal. No Evangelho de João, utiliza-se uma linguagem simples e acessível e o texto regista características próprias do seu estilo. Apresentamos algumas que consideramos bem visíveis no seu Evangelho.

6.2.1. *Diálogo*

O diálogo é bem conhecido como um processo ou um género literário, tanto na antiguidade como nos tempos modernos⁸⁴. Acima de tudo, serviu de veículo para uma apresentação mais ou menos elaborada de aspetos doutrinários que precisavam de ser aprofundados ou compreendidos pouco a pouco⁸⁵.

Verificamos até que o autor do quarto Evangelho utiliza normalmente o diálogo entre Jesus e outra pessoa. É um confronto face a face, no cenário da revelação de Jesus. Assim acontece no cap. 4 entre Jesus e a samaritana, entre Jesus e os discípulos, sem a samaritana, ou

⁸² Cf. Rudolf Schnackenburg, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1980), 140.

⁸³ Cf. Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 20.

⁸⁴ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 11.

⁸⁵ Cf. Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 2017), 44.

entre Jesus e os samaritanos, sem a samaritana nem os discípulos⁸⁶. No entanto, no caso do diálogo com Nicodemos (cf. Jo 3), o diálogo pretende sublinhar a não compreensão⁸⁷.

Acrescentamos outra situação que aparece no capítulo 11 entre Jesus e os discípulos, entre Jesus e Marta e Maria. Ainda outro tanto aparece em João 18, 29-40, nos diálogos particulares entre Jesus e Pilatos, dentro de casa, e Jesus e os Judeus, fora da casa. No capítulo 14, é Tomé que interroga Jesus (cf. Jo 14, 5), seguindo-se depois Filipe (cf. Jo 14, 8). No capítulo 1, Jesus encontra-se sequencialmente com “dois discípulos” de João Batista, com André e Pedro, com Filipe e, finalmente, com Natanael (cf. Jo 1, 36-51)⁸⁸. Contudo, podemos dizer que os diálogos joaninos não apresentam apenas verdades profundas sobre Cristo, mas integram também elementos verdadeiramente históricos⁸⁹.

6.2.2. *Narrativas*

As narrativas de João são um discurso dramático onde se mistura o monólogo com o diálogo, a doutrina direta e incisiva da revelação, que abre muitas vezes a expressão de revelação “Em verdade, em verdade vos digo...”, com a alternância linear ou sublimar na intertextualidade bíblica⁹⁰.

As narrativas de João focam-se sobretudo em Jesus de Nazaré, que é o seu protagonista, aquele que de acordo com a convicção do evangelista está glorificado junto do Pai e presente na comunidade⁹¹. Desde o capítulo 1, 19 - 12, 36 (livro dos “sinais”), o Evangelho é um *continuum* de narrativas “históricas”, em diálogos e monólogos, onde a “história” geográfica e humana, real-factual ou fictícia, forma uma unidade com a doutrina. Nos discursos do Adeus

⁸⁶ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 22.

⁸⁷ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 11.

⁸⁸ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 22-23.

⁸⁹ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 12.

⁹⁰ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 21.

⁹¹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 33.

dos capítulos 14-17 (Livro da “Glória”), o estilo é diferente, porque a discursividade tem como objeto apenas os discípulos. Nesta segunda parte, as narrativas reaparecem nos capítulos 18-21⁹².

6.2.3. *A ironia*

Segundo a Joaquim Carreira das Neves «todos os comentadores concordam que o quarto Evangelho utiliza a ironia, e um deles é o Peter F. Ellis, citado por Joaquim C. das Neves que apresenta esta figura estilística de maneira bem clara, primeiro, no diálogo entre a samaritana e Jesus (cf. Jo 4,1ss), segundo, na sequência da multidão questionar entre si sobre a descendência de Jesus (cf. Jo 7, 40-41) e a resposta de Jesus: “Não disse a Escritura que o Cristo vem da descendência de David e de Belém, povoação de onde era David”?» (cf. Jo 7, 42)⁹³.

Este tipo de linguagem irônica aparece ainda em João 11, 50, sobre a “revolução” de Jesus que nada tem a ver com a política direta, mas com a salvação não só dos judeus como de todos os povos; sobre a verdade de pilatos, «O que é a verdade?» como podemos ver em João 18,38, e Jesus deu esta resposta «Eu sou o caminho a verdade e a vida» que é dada em João 14, 6⁹⁴.

⁹² Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 21.

⁹³ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 23.

⁹⁴ Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 23.

II. O PRÓLOGO DO QUARTO EVANGELHO (JO 1, 1-18)

Depois de termos apresentado, no primeiro capítulo, alguns traços históricos e literários do autor do quarto Evangelho, a comunidade joanina, a estrutura, o estilo e a linguagem utilizada por João, passamos agora ao estudo da «perícope»⁹⁵ de João 1, 1-18: o texto original grego, a sua tradução, a sua delimitação textual, a respetiva análise morfossintática e a sua intertextualidade.

Logo no início do Evangelho de João aparece este Hino. Muitos pensam tratar-se de um hino cantado na comunidade joanina, antes de ter sido colocado no início do Evangelho, à semelhança de outros hinos a Cristo que foram incorporados no Novo Testamento, como testemunham as cartas de Paulo⁹⁶.

Para o evangelista João, contudo, a origem não é descrita como um nascimento maravilhoso (Mt 1, 18-25), ela não remonta apenas ao primeiro Adão (Lc 3, 38) e não é simplesmente afirmada no próprio Deus⁹⁷.

De seguida, apresentamos o texto grego e a tradução, a delimitação do texto, a análise morfossintática e a intertextualidade do texto com os textos da Sagrada Escritura. O texto original que nos serve de fonte, neste estudo, é retirado de E. Nestle - K. Aland⁹⁸. A sua tradução foi colhida nas várias versões portuguesas: *Bíblia Sagrada dos Capuchinhos*⁹⁹ (BSC) a *Bíblia Sagrada em Português Corrente*¹⁰⁰ (BSPC) e *Bíblia de Jerusalém*¹⁰¹ (BJ).

⁹⁵ Cf. Uwe Wegner, *Exegese do Novo Testamento* (São Leopoldo: Sinodal, 1998), 86.

⁹⁶ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 9.

⁹⁷ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 34.

⁹⁸ Kurt Aland; Matthew Black; Carlo Martini; Bruce M. METZGER, and Allen Wirgren, *The Greek New Testament* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994), 312-315.

⁹⁹ *Bíblia Sagrada* (Fátima: Difusora Bíblica, 2014).

¹⁰⁰ *Bíblia Sagrada em Português Corrente* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1999).

¹⁰¹ *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulinas, 1984), 169-170.

1. O texto e a tradução

1.1. O texto de Jo 1, 1-18

1 Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. 2 οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν. 3 πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν 4 ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων 5 καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν. 6 Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης 7 οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ. 8 οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ' ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός. 9 Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον. 10 ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω. 11 εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον. 12 ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ, 13 οἱ οὐκ ἐξ αἱμάτων οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς ἀλλ' ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν. 14 Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. 15 Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ καὶ κέκραγεν λέγων· οὗτος ἦν ὃν εἶπον· ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν. 16 ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος· 17 ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο. 18 Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς ἐκεῖνος ἐξηγήσατο.

1.2. A tradução

1 No princípio era o *Verbo*¹⁰², e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. 2 No princípio, ele estava com Deus. 3 Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito. 4 O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; 5 E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a *apreenderam*¹⁰³. 6 Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. 7 Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. 8 *Ele*¹⁰⁴ não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. 9 O Verbo era a luz verdadeira *que alumia todo homem*¹⁰⁵; *ele vinha ao mundo*¹⁰⁶. 10 Estava ele no mundo, *e o mundo foi feito por meio dele*¹⁰⁷, mas o mundo não o reconheceu. 11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. 12, Mas, a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome, 13 ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. 14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e *nós vimos*¹⁰⁸ a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade. 15 João dá testemunho dele, e clama: “Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, *passou adiante de mim*¹⁰⁹; porque existia antes de mim”. 16 Pois de sua plenitude, todos nós *recebemos*¹¹⁰ graça *por*¹¹¹ graça. 17 Porque a Lei *foi dada*¹¹² por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. 18 Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está voltado para o seio do Pai, *este*¹¹³ o deu a conhecer.

¹⁰² BSPC: “A Palavra”.

¹⁰³ BS: “receberam”; BSPC: “venceram”.

¹⁰⁴ BSPC: “João”.

¹⁰⁵ BS: “a todo homem ilumina”; BSPC: “toda a humanidade”.

¹⁰⁶ BS: “ao vir ao mundo”; BSPC: “luz que apareceu neste mundo”.

¹⁰⁷ BS: “e por Ele veio à existência”; BSPC: “apesar de ter sido criado”.

¹⁰⁸ BS: “contemplamos”.

¹⁰⁹ BS: “passou-me à frente”; BSPC: “vem depois de mim”.

¹¹⁰ BS: “recebendo”.

¹¹¹ BS: “sobre”; BSPC: “continuamente”.

¹¹² BSPC: “foi-nos dada”.

¹¹³ BS: “foi ele quem”; BSPC: “que vive em íntima comunhão com ele”.

Depois desta apresentação do texto original do grego e das suas traduções propostas pelos vários textos de que nos servimos, notemos que cada uma delas tem a sua própria maneira de entender o grego. Não é a nossa preocupação pronunciarmo-nos sobre qual delas é a melhor, mas constatamos as opções de cada uma e assinalarmos as diferenças entre elas.

2. Um texto delimitado

Quando falamos ou produzimos um novo texto ou um novo assunto, temos sempre esta intenção de fazer um limite específico desse assunto. Por ser uma unidade genuína, o Prólogo de Jo 1, 1-18 é uma perícopie completa, respeitando os vários critérios que a delimitam¹¹⁴. Segundo Joaquim Carreira das Neves, Jo 1, 1-18 é uma peça literária única, pelo ritmo poético e pela carga simbólica que representa. E nunca mais a pessoa do Logos aparece no quarto Evangelho¹¹⁵.

Contudo, para Uwe Wegner, respeitando estes critérios, o mais importante é que a perícopie delimitada forme um todo coeso e orgânico, de forma que o seu início e fim sejam perfeitamente identificáveis. Esta coerência interna evidencia-se sobretudo quando em relação ao conteúdo se pode destacar um assunto central ou um pensamento normativo que perpassa a perícopie e que simultaneamente se diferencia do assunto anterior e do posterior¹¹⁶.

Os elementos internos ligados e concatenados formam uma unidade textual, literária e coerente. Por ser o Prólogo do Evangelho, tem o seu sentido completo. Também possui a estrutura bem delimitada, pois Jo 1, 1-18 está separado do novo assunto que se inicia no versículo 19.

¹¹⁴ Cf. Uwe Wegner, *Exegese do Novo Testamento* (São Leopoldo: Sinodal, 1998), 86.

¹¹⁵ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 14.

¹¹⁶ Cf. Uwe Wegner, *Exegese do Novo Testamento* (São Leopoldo: Sinodal, 1998), 86.

Com esta mudança de linguagem, o evangelista sai de uma forma doxológica e vai para a narrativa, a partir do versículo 19, o que caracteriza e enfatiza o limite da perícopre. Outra característica que delimita o Prólogo como uma perícopre completa tem a ver com o personagem. Em João 1, 1, o personagem é o “Verbo” que aparecerá também no versículo 18, com o nome de “Filho Unigénito”, é aquele que nos revela o Pai. O personagem do versículo 19 é João Batista, indicando assim, claramente a mudança da perícopre.

Importa salientar aqui o testemunho da segunda personagem de Prólogo, João Batista, a respeito da sua missão acerca de Jesus. Por isso, além do aparecimento dele nos versículos 6-8 e 15 do Prólogo, se destaca ainda como para despertar a fé em Jesus¹¹⁷. Assim, João 3, ao fazer alusão ao testemunho de João Batista, termina prometendo vida a quem aceitar Jesus na fé (Jo 3, 26).

E ainda a secção de João 5, 31-40, baseada nos múltiplos testemunhos a favor de Jesus, tem o propósito de conduzir à fé nele (cf. Jo 1, 38). O mesmo acontece com João 8, 12-20, apesar de faltar o verbo “*pisteúein*”. Os conceitos relacionados são «conhecer» e «julgar»¹¹⁸.

Assim, o Prólogo do quarto Evangelho mostra-se de forma coesa, com as ideias ligadas verso após verso (concatenação), dando continuidade e desenvolvendo um mesmo assunto: a revelação de Deus através do Verbo encarnado¹¹⁹.

A estrutura do Evangelho de João se difere do início dos outros Evangelhos. Nota-se que o quarto Evangelho fundamenta o cumprimento da esperança messiânica, tendo por base a encarnação do Verbo de Deus, pois no Prólogo é revelada a oportunidade que todos têm de se tornarem filhos de Deus a partir de um ato de fé¹²⁰.

¹¹⁷ Cf. Joaquim C. das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 129-130.

¹¹⁸ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 53.

¹¹⁹ Cf. Uwe Wegner, *Exegese do Novo Testamento* (São Leopoldo: Sinodal, 1998), 87-88.

¹²⁰ Cf. Donald Arthur Carson, *O comentário de João* (São Paulo: Shedd, 2007), 113.

3. Análise morfossintática¹²¹

Depois de apresentarmos, nos primeiros pontos de capítulo, o texto grego, a sua tradução e a sua delimitação textual, segue agora a análise morfossintática dos vocábulos que consideramos de grande importância para o objetivo do trabalho, vocábulos que serão relevantes para o capítulo seguinte.

- ἀρχή, ἥς (ἡ): substantivo feminino com o significado de (princípio, origem). Está no dativo singular, porque desempenha na frase a função de complemento circunstancial de tempo, habitualmente construído com a preposição Ἐν e dativo singular. Em Jo 1, 1, alude-se propriamente a um «antes» da temporalidade, isto é, a um princípio situado no tempo, se não a um princípio absoluto, como corresponde a Deus, sobre o qual não se pode fazer afirmações baseadas na temporalidade.

- ἦν (era, estava): 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo da voz ativa do verbo εἶμι. Este verbo que pode ser traduzido por ser/estar/existir.

- πρός: preposição com o sentido de «direção para». Por isso, pode ser traduzida como na Tradução Ecuménica da Bíblia: «voltado para o Pai».

- Λόγος, ου (ὁ), substantivo masculino com o significado de “Palavra”. Está no nominativo singular, por ser o sujeito da oração. O Λόγος (Lógos - Palavra), existe antes do mundo e com isso existe antes do tempo, que começa precisamente com a existência do mundo.

- ἐγένετο: aparece três vezes em aoristo 2º indicativo da voz média, que se aplica a “todas as coisas criadas”, do verbo γίνομαι. Pode-se traduzir por «vir à existência»; esta

¹²¹ Para a análise dos termos apresentados, recorreremos as seguintes obras: Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993); Felix Wilbur; Frederick W. Danker, *Léxico do Novo Testamento Grego/Português* (São Paulo: Vida Nova, 1986); Lothar Coenen; Erich Beyreuther; Hans Bietenhard, *Diccionario Teologico del Nuovo Testamento* (Salamanca: Sígueme, 1999); Juan Mateos e Juan Barreto, *Vocabulario Teologico del Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1980); António Freire, S.J., *Gramática Grega* (Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1997); F. Reinecker, C. Rogers, *Chave linguística do Novo Testamento Grego* (São Paulo: Vida Nova, 1985).

tradução, embora menos elegante, é mais clara, ao menos para o final do versículo: «E sem Ele nada do que foi feito, de tudo quanto veio à existência»¹²².

- ζωή, ἡς (ἡ) (vida): substantivo feminino, no caso nominativo singular. Desempenha a função do predicado do sujeito. Desde o princípio, João situa o seu Evangelho na chave da criação, (cf. Jo 1, 1-10) que equivale então a comunicação da vida por parte de Deus. O seu projeto era dar a vida (1, 4; ela contém a vida) e a vida era a luz dos homens. A vida encontra-se em Deus, (cf. Jo 5, 26; 6, 57) que chama Pai por ser seu princípio e comunicá-la ao homem por meio do espírito Santo. A vida era a Luz dos homens (cf. Jo 1, 4).

- φῶς, φωτός (τό): substantivo (luz), nominativo singular neutro. Desempenha a função do predicado do sujeito, construído com o artigo determinado singular neutro τό. No sentido metafórico que João atribui, é o esplendor da vida (Jo 1, 4); não existe, portanto, uma luz anterior à vida, é a mesma vida enquanto se impõe pela sua evidência e que pode ser conhecida. A vida que brilha como a luz era o conteúdo do projeto de Deus (Jo 1, 4), que encarna em Jesus, Filho de Deus feito Homem (Jo 1, 14).

- σκοτία, ας (ἡ), (trevas/escuridão): dativo singular, com o artigo definido singular τῆ; porque desempenha a função de complemento circunstancial de lugar (onde). As trevas, em João não significam meramente escuridão; mas têm sempre um carácter maléfico e apresentam e apresentam-se dois aspetos: a) como entidade ativa e perversa que pretende extinguir a luz da vida (Jo 1, 5) e assim, impedir a visão do projeto de Deus sobre a Humanidade (Jo 1, 4; o projeto continha a vida); b) como âmbito de obscuridade ou cegueira criado pela sua ação, onde o homem se encontra privado da experiência de vida e conhece o desígnio de Deus sobre ele (Jo 5, 3; o cego de nascença, 9, 1ss).

- ἀπεσταλμένος: 3ª pessoa do singular do particípio perfeito do verbo ἀποστέλλω (foi enviado). Este versículo começa por um estilo bíblico, (cf. Jz 13, 2; 17, 1; 19, 1; Sm 1, 1) por

¹²² Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

ἐγένετο ἄνθρωπος [...] ὄνομα αὐτοῦ Ἰωάννης, como Mc 1, 4 apresentava João Baptista ἐγένετο Ἰωάννης: Eis um homem chamado João. Este homem surge na história e a sua vinda é apresentada como um acontecimento inesperado. Não é o caso de opor o aoristo ἐγένετο ao falar de João Batista e ao imperfeito ἦν ao falar do Logos, pois a frase não começa por um “e” que convidaria a ligar estreitamente esta passagem a João 1, 1. Trata-se antes de um novo aspeto da história do Logos: um personagem deste mundo é encarregado de proclamar aos homens a presença de luz do Logos, a fim de que eles a reconheçam¹²³.

- μαρτυρεῖ: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo μαρτυρέω (dar testemunho). O primeiro testemunho que aparece no Evangelho de João é o de Baptista (cf. Jo 1, 7ss.15.19.32.34). Em termos metafóricos, descreve-se primeiro como «dar testemunho da Luz» (1, 7ss) que, mais adiante, se identifica com o Messias, Jesus. O seu objetivo é que todos cheguem a acreditar (1, 7).

- τῷ κόσμῳ: substantivo masculino κόσμος, ου (ὁ) (mundo), no dativo singular, acompanhado com o artigo definido τῷ, porque desempenha a função de complemento circunstancial de lugar onde. Em João, «o “mundo” tem uma expressão polivalente; e pode ter diversos sentidos; 1) natural: terra ou universo; 2) antropológico e existencial: a realidade em que os homens estão naturalmente imersos (cf. Jo 3, 16; 3) teológico: realidade que se opõe a Jesus e aos seus discípulos (cf. Jo 7, 7; 15, 18ss) e, [...]. Jesus é o salvador do mundo (cf. Jo 4, 42). Em todas estas dimensões, salva o mundo e do mundo»¹²⁴.

- πληρώματος: substantivo masculino neutro πλήρωμα, ατος (τό), no genitivo do singular, porque desempenha a função de complemento indireto. Como aparece no v. 16 do Prólogo, é com a palavra «plenitude» que caracteriza a vida que veio do Pai, por meio do seu Filho único¹²⁵.

¹²³ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 74.

¹²⁴ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, *Bíblia, os quatro evangelhos e os salmos* (Lisboa: SNEC, 2019), 271.

¹²⁵ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

- χάριτος: substantivo feminino χάρις, ιτος (ή), (favor, graça). Literalmente, de acordo com o grego, o Logos é “repleto da graça e verdade” (πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας). Esses dois substantivos afirmam duas realidades ou uma só? (cf. Jo 16, 27; 6, 46; 7, 29; 9, 16.33; 17, 8). No Novo Testamento, ocorre, sem dúvida, que o segundo substantivo seja sinônimo do primeiro, por exemplo, “a graça e o dom” (cf. Rm 5, 15.17), mas é comum as duas noções serem distintas, formando uma hendíadis, na qual o segundo substantivo esclarece melhor o primeiro: “a graça e o apostolado” significa “a graça de ser apóstolo” (Rm 1, 15); “a graça e a participação num serviço” significa “a graça de participar desse serviço” (2Cor 8, 4)¹²⁶. No prólogo, já que o segundo substantivo não pode ser declarado sinónimo do primeiro, é possível que “verdade” determine mais exatamente a natureza da “graça” anunciada¹²⁷.

- ἀληθείας: substantivo feminino ἀλήθεια, ας (ή), (verdade), no genitivo do singular. Em João, a “verdade” surge como uma característica da ação divina ou humana, principalmente em João 1, 17; 3, 21.

4. A intertextualidade de Jo 1,1-18 com o AT e o NT

O objetivo deste ponto é procurar encontrar a semelhança ou a explicitação da passagem do Prólogo, primeiro com os textos do Antigo Testamento, nos sinópticos e nas cartas de São Paulo, e segundo com o Evangelho de João e as respectivas cartas a ele atribuídas. Para facilitar a nossa leitura, apresentemo-lo em modo de blocos. De seguida, faremos uma conexão de leitura de modo temático dos lugares paralelos dos dois blocos apresentados.

¹²⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 76.

¹²⁷ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 76.

4.1. O Prólogo e a Sagrada Escritura

Neste quadro que se segue, apresentamos a leitura do texto do Prólogo e a da Sagrada Escritura no sentido de encontrar a semelhança de passagem que neles se encontram, e que mais se sobressaem dos dois lados.

Jo 1, 1-18	Sagrada Escritura
<p>¹No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.</p>	<p>Gn 1, 1-5: «¹No princípio quando Deus criou os céus e a terra, ²a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.</p> <p>Pr 8, 22-26: «²²O Senhor criou-me como a primeira das suas obras, antes de ter criado todo o resto. ²³Ele formou-me no princípio do tempo, antes do mundo existir. ²⁴Quando fui gerada, ainda não havia oceanos nem fontes de água. ²⁵Fui gerada antes da formação das montanhas, antes de as colinas estarem no seu lugar, ²⁶quando Deus ainda não tinha criado a terra».</p> <p>Fil 2, 6: «⁶Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente».</p>
<p>²No princípio, Ele estava com Deus.</p>	<p>Sb 7, 26-27: «²⁶Ela é um reflexo da luz eterna, um espelho imaculado da atividade de Deus e uma imagem da sua bondade. ²⁷Sendo um só, tudo pode; permanecendo em si mesma, tudo renova; e, derramando-se nas almas santas, de cada geração, ela forma amigos de Deus e profetas».</p> <p>Sb 9, 9: «⁹Contigo está a sabedoria, que conhece as tuas obras, que estava presente quando fazias o mundo, e que sabe o que é agradável a teus olhos e o que é recto segundo os teus mandamentos».</p>

	Col 1, 15: « ¹⁵ Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura».
³ Tudo foi feito por meio dele e sem Ele nada foi feito.	<p>Is 40, 28: «²⁸Porventura não sabes? Será que não ouviste? O SENHOR é um Deus eterno, que criou os confins da terra. Não se cansa, nem perde as forças».</p> <p>Is 44, 24: «²⁴Eis o diz o SENHOR, o teu redentor, que te formou no ventre materno: “Eu sou o SENHOR” que fiz todas as coisas, sozinho estendi os céus e firmei a terra».</p> <p>Sb 9, 1-2: «¹Deus de nossos pais e Senhor de misericórdia, que tudo criaste pela tua palavra, ²que formaste o homem pela tua sabedoria, a fim de que dominasse sobre todas as criaturas que chamaste à existência».</p> <p>1Cor 8, 6: «⁶Para nós, existe um só Deus, o Pai. E dele vêm todas as coisas e é para ele que nós existimos. E há igualmente um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós vivemos também».</p> <p>Col 1, 16-17: «¹⁶Porque nele foram criadas todas as coisas. ¹⁷Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste».</p>
⁴ O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens;	<p>Gn 1, 3: «³Deus disse: “Faça-se a luz”. E a luz foi feita».</p> <p>Sl 107, 20: «²⁰Deus enviou a sua Palavra para os curar, e livrou-os da morte».</p>
⁵ E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.	Gn 1, 4-5: « ⁴ Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. ⁵ Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim surgiu tarde e, em seguida, a manhã».
⁶ Houve um homem enviado de Deus. Seu nome era João.	Mc 1, 6-8: « ⁶ João se vestia de pelos de camelo e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. ⁷ E proclamava: “Depois de mim, vem o mais forte do que eu, de quem eu não

	<p>sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias.</p> <p>⁸Eu vos tenho batizado com água. Ele, Porém, vos batizará com o Espírito Santo”».</p>
<p>⁷Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.</p>	<p>Mt 3, 1-2: «¹Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia ²e dizendo: Arrependei-vos, porque o reino dos Céus está próximo».</p> <p>Lc 3, 7-8: «⁷Ele dizia às multidões que vinham para ser batizadas por ele: ‘Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? ⁸Produzi, então, frutos dignos ao arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: “temos por pai Abraão”. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão!».</p>
<p>⁸Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.</p>	<p>Lc 3, 1-6: «¹No ano décimo do quinto império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da Traconítide, Lisânias tetrarca de Abilene, ²sendo Sumo Sacerdote Anás, Caifás, a Palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto. ³E ele percorreu toda a região do Jordão, proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados, ⁴conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: “<i>Voz do que clama no deserto; preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas; ⁵todo vale será aterrado, toda montanha ou colina será abaixada; as vias sinuosas se transformarão em retas e os caminhos acidentados serão nivelados. ⁶E toda a carne verá a salvação de Deus</i>”».</p>
<p>⁹O Verbo era a luz verdadeira, que alumia todo homem; Ele vinha ao mundo.</p>	<p>Sl 44, 4 «⁴Não foi com a espada que conquistaram a terra, não foi o seu braço que lhes trouxe a vitória; mas foi a tua direita, a força do teu braço, foi a luz da tua presença, porque lhes tinhas amor».</p>

	<p>Is 60, 1 «¹Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!».</p> <p>Act 13, 47 «⁴⁷Pois assim nos ordenou o Senhor: “<i>Estabeleci-te como luz dos povos, para lebares a salvação até aos confins da terra</i>”».</p>
<p>¹⁰Estava ele no mundo, e mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não O reconheceu.</p>	<p>Sb 13, 1.6-9: «¹Sim, insensatos, são todos aqueles homens em que se instalou a ignorância de Deus e que, a partir dos bens visíveis, não foram capazes de descobrir aquele que é, nem, considerando as obras, reconheceram o Artífice. ⁶Estes, contudo, merecem só uma leve censura porque talvez se extraviem, apenas por buscarem a Deus e querem encontrá-lo. ⁷Movendo-se no meio das suas obras, investigam-nas, mas deixam-se seduzir pela aparência, pois são belas as coisas que vêem. ⁸De qualquer modo, nem sequer estes são desculpáveis, ⁹porque se tiveram tanta capacidade para poderem perscrutar o universo, como não descobriram, primeiro o Senhor dessas coisas».</p>
<p>¹¹Veio para o que era seu, e os seus não O receberam.</p>	<p>Ex 19, 5-6: «⁵E agora, se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque é minha a terra inteira. ⁶Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. Estas são as palavras que transmitirás aos filhos de Israel».</p> <p>Dt 7, 6-7: «⁶Tu és um povo consagrado ao SENHOR, teu Deus. Na verdade, o SENHOR, teu Deus, escolheu-te para seres para Ele um povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra. ⁷Não foi por serdes mais numerosos que outros povos que o SENHOR se agradou de vós e vos escolheu; vós até éreis o mais pequeno de todos os povos».</p>

<p>¹²Mas, a todos que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome,</p>	<p>Ex 3, 14-15: «¹⁴Deus disse a Moisés: «EU SOU AQUELE QUE SOU». Ele disse: “Assim diras aos filhos de Israel: ‘<i>Eu sou</i>’ enviou-me a vós!”. ¹⁵Deus disse ainda a Moisés: “Assim diras aos filhos de Israel: ‘O SENHOR’, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac, e Deus de Jacob, enviou-me a vós: este é o meu nome para sempre, o meu memorial de geração em geração”».</p> <p>Lc 1, 31-33: «³¹Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. ³²Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu Pai; ³³Ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim».</p> <p>Gal 3, 26: «²⁶Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus».</p>
<p>¹³Ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.</p>	<p>Lc 2, 11-13: «¹¹Hoje na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. ¹²Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura ¹³De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus dizendo: Glória a Deus nas alturas».</p>
<p>¹⁴E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.</p>	<p>Gn 6, 3: «³Então o Senhor disse: “O meu espírito não permanecerá indefinidamente no homem, pois o homem é carne, e os seus dias não ultrapassarão os cento e vinte anos”».</p> <p>Ex 25, 8: «⁸Construir-me-eis um santuário, para que resida no meio deles».</p> <p>Col 1, 19: «¹⁹Pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude».</p>

	<p>Fil 3, 16: «¹⁶Ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, criado no mundo, exaltado na glória».</p>
<p>¹⁵João deu testemunho dele, e clama: “Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim, porque existia antes de mim”.</p>	<p>Mt 3, 11: «¹¹Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De facto, eu não sou digno de nem ao menos tirar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo».</p> <p>Mc 1, 7: «⁷E proclamava: “Depois de mim, vem o mais forte do que eu, de quem eu não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias”».</p>
<p>¹⁶Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça.</p>	<p>Col 1, 19: «¹⁹Pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude».</p> <p>Col 2, 9-10: «⁹Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade ¹⁰e nele fostes levados à plenitude. Ele é a cabeça de todo Principado e de toda a Autoridade».</p>
<p>¹⁷Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.</p>	<p>Ex 31, 18: «¹⁸Depois de ter acabado de falar a Moisés no monte Sinai, Deus entregou-lhe as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas com seu dedo».</p> <p>Ex 34, 28: «²⁸Moisés permaneceu junto do SENHOR quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. E escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos».</p> <p>Heb 1, 1-2: «¹Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. ²Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo».</p>

<p>¹⁸Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.</p>	<p>Ex 33, 20: «²⁰E acrescentou: “Mas tu não poderás ver a minha face, pois o homem não pode contemplar – me e continuar a viver”».</p> <p>Col 1, 15: «¹⁵Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura».</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Depois de apresentamos, neste primeiro quadro, a intertextualidade do Prólogo de João com a Sagrada Escritura, faremos a seguir uma leitura ampla dos textos apresentados entre os dois lados:

a) Os primeiros cinco versículos do Prólogo lembram-nos o relato da criação, no Livro do Génesis. No momento da criação, o Verbo já existia (cf. Gn 1, 1-5; Sb 7, 26-27; Cl 1, 15). Ele é Incriado, e o Verbo estava na presença do Pai; na verdade, O Verbo era mesmo Deus.

Em primeiro lugar, podemos chamar a atenção para o relato de Génesis, que narra como Deus criou simplesmente dizendo: “Haja luz...” e todas coisas passaram a existir através da Palavra de Deus¹²⁸, tornando-se o agente da criação e um maravilhoso dom (Pv 8, 22ss.)¹²⁹.

Em segundo lugar, podemos vincular ainda essa ideia do Verbo de Deus com o conceito da sabedoria divina que, no pensamento bíblico, é personificada como uma mulher (cf. Sl 33, 6-7; Sb 9, 1). Realidade divina e, no entanto, quase distinta de Deus, a sabedoria desempenhou um papel na criação (cf. Pr 8, 22-27). Ideia semelhante encontramos em Paulo quando concebe a pré-existência de Cristo, que tinha condição divina e não considerou o ser igual a Deus (cf. Fil 2, 6). A Sabedoria, de forma análoga, foi enviada da boca de Deus como guia para os homens, para a sua salvação (cf. Sir 1, 1; 24, 1-12)¹³⁰.

¹²⁸ Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 36

¹²⁹ Cf. Donald Arthur Carson, *O comentário de João* (São Paulo: Shedd, 2007), 114.

¹³⁰ Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 36.

b) O Verbo surge como mediador, a Palavra que cura e persevera a vida (cf. Sl 107, 20; 147, 15; Is 55). Temos ainda a personificação da Palavra como guerreiro (Sb 18,15), como Luz (cf. Sb 7, 26); como Sabedoria que desencadeia o ódio da parte do mundo (cf. Pr 1, 28; Ecl 24, 7)¹³¹.

c) O quarto Evangelho apresenta João Batista como o exemplo de um raio de luz que continua a brilhar nas trevas, e que veio testemunhar a verdadeira luz diante da humanidade¹³². É como o precursor do Senhor (cf. Mt 3, 1-2; Mc 1, 6-8; Lc 1, 63; 3, 1-8).

d) A Sabedoria é rejeitada pelos insensatos (cf. Sb 13, 1.6-9), pelo próprio povo de Israel (cf. Ex 19, 5-6; Dt 7, 6-7) e na carta de Paulo aos Romanos (cf. Rm 1, 21.18-31; 9-11).

e) No entanto, alguns acreditaram nela. A estes, a Palavra os capacitou a tornarem-se filhos de Deus. O Filho soprará seu Espírito de nova vida sobre eles, assim como Deus soprou o espírito de vida em Adão (cf. Gn 2, 7)¹³³.

4.2. O Prólogo e o corpo joanino

No quadro seguinte apresentamos a relação do Prólogo com o Evangelho, as Cartas Joaninas e o Apocalipse, tendo em conta os temas comuns.

Jo 1, 1-18	Paralelos no Evangelho e nas Cartas
<p>¹No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.</p>	<p>1Jo 1, 1: «¹O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida».</p>

¹³¹ Cf. Antonio Wardison; César Teixeira; José Pedro Teixeira de Jesus, *Revista de Cultura Teológica* - vol. 19 – nº. 74 - ABR/JUN 2011, 34-36.

¹³² Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 37.

¹³³ Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 38.

	<p>Jo 7, 33-34: «³³Disse então Jesus: “Por pouco tempo estou convosco e vou para aquele que me enviou. ³⁴Vós me procurareis e não me encontrareis; e onde eu estou vós não podeis vir”».</p> <p>Jo 10, 30: «³⁰Eu e o Pai somos um».</p> <p>1Jo 5, 20: «²⁰Nós sabemos que veio o Filho de Deus e nos deu a inteligência para conhecermos o Verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro, no seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus Verdadeiro e a Vida eterna».</p>
<p>²No princípio, Ele estava com Deus.</p>	<p>Jo 8, 58: «⁵⁸Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU».</p> <p>Jo 17, 5: «⁵E agora, glorifica-me, Pai, junto de Ti, com a glória que Eu tinha junto de Ti, antes que o mundo existisse».</p> <p>Jo 17, 24: «²⁴Pai, aqueles que me deste quero que, onde estou, também eles estejam comigo, para que contemplan a minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo».</p>
<p>³Tudo foi feito por meio dele e sem Ele nada foi feito.</p>	<p>Ap 3, 14: «¹⁴Ao Igreja em Laodicéia, escreve: Assim fala o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus».</p>
<p>⁴O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens;</p>	<p>Jo 3, 19: «¹⁹Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas, porque as suas obras eram más».</p> <p>Jo 5, 26: «²⁶Assim, como o Pai tem a vida em Si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em Si mesmo».</p> <p>Jo 8, 12: «¹²De novo Jesus lhes falava: “Eu Sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”».</p> <p>Jo 11, 9-10: «⁹Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz</p>

	<p>deste mundo; ¹⁰mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele».</p> <p>Jo 12, 36: «³⁶Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz».</p>
<p>⁵E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.</p>	<p>Jo 3, 19: «¹⁹Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más».</p> <p>Jo 9, 5: «⁵Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo».</p> <p>Jo 12, 35: «³⁵Jesus lhes disse: Por pouco tempo a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apreendam: quem caminha nas trevas não sabe para onde vai!»</p> <p>1Jo 1, 5: «⁵Deus é luz e nele não há trevas alguma».</p>
<p>⁶Houve um homem enviado de Deus. Seu nome era João.</p>	<p>Jo 1, 19-34: «O testemunho de João Batista».</p> <p>Jo 3, 27-28.30: «²⁷João respondeu: Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado céu. ²⁸Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse; “Não sou eu o Cristo, mas sou o enviado adiante dele”. ³⁰É necessário que Ele cresça e eu diminua».</p>
<p>⁷Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.</p>	<p>Jo 3, 11: «¹¹Em verdade, em verdade te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho».</p> <p>Jo 5, 33.35: «³³Vós enviastes emissários a João e el deu testemunho da verdade. ³⁵Ele era a lâmpada que arde e ilumina e vós quisestes vos alegrar, por um momento, com a sua luz».</p>
<p>⁸Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.</p>	<p>Jo 3, 31-34: «³¹Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra é terrestre e fala como terrestre. Aquele que vem do ³²Céu dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém acolhe o</p>

	<p>seu testemunho. ³³Quem acolhe o seu testemunho certifica que Deus é verdadeiro. ³⁴Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida».</p>
<p>⁹O Verbo era a luz verdadeira, que alumia todo homem; Ele vinha ao mundo.</p>	<p>Jo 3, 19: «¹⁹Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más».</p> <p>Jo 8, 12: «¹²De novo Jesus lhes falava: “Eu Sou a luz do mundo. Quem me segue não andarà nas trevas, mas terá a luz da vida”».</p> <p>Jo 12, 46: «⁴⁶Eu, a Luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas».</p> <p>Jo 14, 6: «⁶Diz-lhe Jesus: Eu sou o caminho a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai se não por mim».</p>
<p>¹⁰Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não O reconheceu.</p>	<p>Jo 3, 16-17: «¹⁶Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. ¹⁷Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele».</p> <p>Jo 7, 7: «⁷O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me, porque dou testemunho de que as suas obras são más».</p> <p>Jo 15, 18: «¹⁸Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro, me odiou a mim».</p> <p>Jo 17, 14: «¹⁴Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo».</p>
<p>¹¹Veio para o que era seu, e os seus não O receberam.</p>	<p>Jo 4, 44: «⁴⁴O próprio Jesus havia testemunhado que um profeta não é honrado em sua própria pátria».</p> <p>Jo 5,40: «⁴⁰Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida».</p>
<p>¹²Mas, a todos que o receberam, deu o poder</p>	<p>Jo 17, 11-13: «¹¹Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti, Pai santo, guarda os em teu nome que me</p>

<p>de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome;</p>	<p>deste, para que sejam um como nós. ¹²Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome que me deste; guardei-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho de perdição, para cumprir-se a Escritura. ¹³Agora, porém, vou para junto de ti e digo isso no mundo, a fim de que tenham em si a minha plena alegria».</p> <p>Jo 20, 31: «³¹Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome».</p> <p>1Jo 3, 1-2: «¹Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não o conheceu. ²Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou».</p> <p>1Jo 5, 13: «¹³A vós que credes no nome do Filho de Deus, para saberdes que tendes a vida eterna».</p>
<p>¹³Ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.</p>	<p>Jo 3, 6: «⁶O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é Espírito».</p> <p>Jo 8, 41-42: «⁴¹Vós fazeis as obras de vosso Pai. ⁴²Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, não venho por mim mesmo, mas foi Ele que me enviou».</p> <p>1Jo 5, 18: «¹⁸Nós sabemos que todo aquele nasceu de Deus não peca; o Gerado por Deus o guarda e o Maligno não o pode atingir».</p>
<p>¹⁴E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.</p>	<p>Jo 17, 5.24: «⁵E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse. ²⁴Pai, aqueles que me deste, quero que onde eu estou, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo».</p> <p>1Jo 1, 1-3: «¹O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas</p>

	<p>mãos apalparam do Verbo da vida - ²porque a vida manifestou-se: nós a vimos e lhes damos testemunho e vós anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu – ³o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo».</p> <p>1Jo 4, 1-3: «¹Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. ²Nisto reconhecereis o espírito de Deus: ³e todo o espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo. Dele ouvistes dizer que Ele virá; e agora Ele já está no mundo.</p>
<p>¹⁵João deu testemunho dele, e clama: “Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim, porque existia antes de mim”.</p>	<p>Jo 1, 27.30: «²⁷Aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália. ³⁰Dele é que eu disse: Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim».</p>
<p>¹⁶Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça.</p>	<p>Jo 3, 31-36: «³¹Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra é terrestre e fala como terrestre. Aquele que vem do céu ³²dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém acolhe o seu testemunho. ³³Quem acolhe o seu testemunho certifica que Deus é verdadeiro. ³⁴Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. ³⁵O Pai ama o Filho e tudo entregue a sua mão. ³⁶Quem crê no Filho tem a vida eterna. Quem recusa no Filho não verá a vida. Pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele».</p>
<p>¹⁷Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a</p>	<p>Jo 10, 9.11: «⁹Eu sou a porta. Se alguém entrara por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. ¹¹Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas».</p>

graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.	Jo 14, 6: « ⁶ Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por Mim».
¹⁸ Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.	<p>Jo 3, 16: «¹⁶Pois Deus amou o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça».</p> <p>Jo 6, 46: «⁴⁶Não é que alguém tenha visto o Pai, a não ser aquele que tem a sua origem em Deus: esse é que viu o Pai».</p> <p>Jo 10, 1: «¹Eu e Pai somos um».</p> <p>Jo 12, 45: «⁴⁵E quem me vê, vê aquele que me enviou».</p> <p>Jo 14, 8.10-11: «⁸Disse-lhe Filipe: “Senhor, mostra nos o Pai e isso nos basta”. ¹⁰Não acreditas que Eu estou no Pai, e o Pai está em mim? ¹¹Acreditai em mim: Eu estou no Pai e o Pai está em mim».</p> <p>Jo 15, 9: «⁹Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permanecei em meu amor».</p> <p>1Jo 4, 12: «¹²Ninguém jamais contemplou a Deus».</p>

Depois de apresentarmos esta leitura paralela do Prólogo com o corpo joanino, podemos encontrar e assinalar a algumas semelhanças que sobressaem nessa leitura. Por isso, assinalamos alguns dos seus pontos principais:

a) No texto do Prólogo temos a união entre a sabedoria e a palavra de Deus, uma pessoa divina criada e existente com o Pai (cf. Ap 19, 13)¹³⁴.

b) Ao lermos o Prólogo de João, percebemos logo a densidade e a riqueza que está dentro do texto. Pode dizer-se que o texto do Prólogo insere em si um resumo de todo o quarto Evangelho, porque os conceitos teológicos do Prólogo são retomados e desenvolvidos no

¹³⁴ Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 36.

decurso do Evangelho: manifestação de Cristo, luz, verdade, vida, glória, revelação do Pai, fé e incredulidade¹³⁵.

c) No Prólogo e no Evangelho, o texto apresenta João Batista como exemplo de um raio de luz que continua a brilhar nas trevas, e que veio testemunhar a Verdadeira Luz diante da humanidade (cf. Jo 1, 6-8.15.19-34).

d) É bem visível que no final da história da salvação, a nova criação (cf. Ap 21, 5) terá por luz o próprio Deus (cf. Jo 21, 23). A luz física aqui na terra se alterna com a sombra de noite; passar-se-á assim à luz sem ocaso que é o próprio Deus (cf. 1Jo 1, 5). A história que entre esses dois extremos se desenrola assume ela própria a forma dum conflito em que se defrontam a luz e as trevas, afrontamento idêntico ao da vida e morte (cf. Jo 1, 4s).

Temos aqui, O Logos como Luz do mundo: «Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida» (cf. Jo 8, 12); disse ainda: «enquanto estou no mundo Eu sou a luz do mundo» (cf. Jo 9, 5); e ainda: «Eu a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas» (cf. Jo 12, 46).

f) O seu tempo terreno, durante o qual o Logos habitou entre os homens, adquire a mais alta relevância, pois Ele nesse tempo revelou o Pai por meio da sua palavra e ação, e cumpriu a obra de que foi incumbido (cf. Jo 17, 4; 19, 30)¹³⁶.

g) Por fim, Deus não permitiu que Moisés O visse no Antigo Testamento. Agora o Filho, que O conhecia desde toda a eternidade, revela o Pai. O Evangelho é a história desta revelação (cf. Jo 6, 46; 14, 8-10)¹³⁷.

¹³⁵ Cf. José María Casciaro, *Evangelio según San Juan* (Pamplona: Universidad de Navarra, 1980), 50.

¹³⁶ Rudolf Schnackenburg «O Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 30.

¹³⁷ Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 40.

5. A estrutura de Jo 1, 1-18

Muitas propostas apresentadas por vários escritores a respeito da estrutura possível do Prólogo de João são debatidas. Contudo, uma das mais acessíveis e mais utilizada é o grande “quiasmo” proposto por Alan Culpepper, embora essa possibilidade seja exclusiva. Se apresentarmos com os dois extremos do Prólogo, dirigindo-nos para o meio, encontramos o seguinte esquema em quiasmo, citado por Carson¹³⁸.

Esquema:

A	O Verbo é Deus – Origem (vv. 1-2)	O Verbo é Deus – Testemunho (v. 18)	A’
B	O papel do Criador – Dar a vida (v. 3)	O papel do Criador – recria (v. 17)	B’
C	Dom aos homens – Rejeitado (vv. 4-5)	Dom aos homens – Acolhido (v. 16)	C’
D	Testemunho de João Batista – Missão (vv. 6-8)	Testemunho de João Batista – Exemplo (v. 15)	D’
E	A vinda do Verbo ao mundo – rejeição (vv. 9-11)	A vindo do Verbo ao mundo – acolhimento (v. 14)	E’
F	Pela encarnação do Verbo, tornamo-nos filhos de Deus (vv. 12-13)		

Este esquema que acabamos de apresentar permite-nos perceber o “quiasmo”¹³⁹, ou seja, a relação dos versículos dentro do texto. Apresentamos a seguir a conexão de leitura da estrutura do texto de João 1,1-18:

¹³⁸ Cf. Donald Arthur Carson, *O comentário de João* (São Paulo: Shedd, 2007), 113.

¹³⁹ Segundo Joaquim C. das Neves: é um desenvolvimento da “inclusão”. Não se trata apenas da identidade entre a primeira e a última locução, expressão ou designação de pessoas, geográfica, tempo e espaço, mas das correspondências literárias e respetivos significados entre o primeiro e o último versículo, o segundo e o penúltimo, o terceiro e o antepenúltimo em volta de um centro fundamental. Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 25.

A	O Verbo é Deus – Origem (vv. 1-2)	O Verbo é Deus – Testemunho (v. 18)	A'
	¹ No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. ² No princípio, ele estava com Deus	¹⁸ Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer	

Como podemos ver, estes são os versículos que abrem e fecham o Prólogo (cf. Jo 1 e 18). Eles nos introduzem no mais profundo do mistério de Deus: o Verbo com uma existência Divina, anterior ao princípio da existência terrena. E então, quando antes nada existia, já existia o Verbo e o Verbo era Deus¹⁴⁰.

Podemos ver ainda que o versículo 18 se relaciona ainda com o início do Prólogo, que mostrava o Verbo que estava junto de Deus através do Filho único que está «voltado para o seio do Pai». O título de Logos cede agora o lugar ao de Filho. É o Filho que a partir de agora nos fala do Pai¹⁴¹. É o Filho que nos revela o Pai por meio de toda a Sua pessoa e seus atos: «quem Me vê, vê o Pai» (cf. Jo 14, 9). O ponto culminante deste relato é o Dom que o Filho faz da Sua vida, revelando assim aos homens o amor do Pai (cf. Jo 3, 16)¹⁴².

Com o versículo 18 o Prólogo chega ao fim da perícopes. Na Sagrada Escritura, são relatadas muitas comunicações, encontros de Deus com seus amigos, mas João é direto (cf. Jo 1, 18)¹⁴³. Ainda neste versículo 18, como no Antigo Testamento, Deus não permitiu que Moisés O visse, o Filho que estava junto do Pai desde toda a eternidade no-lo deu a conhecer¹⁴⁴.

No entanto, nestes versículos podemos entender esta revelação, que nos parece difusa, com tal luminosidade, que nos deslumbra e nos arrebatava. Mas é o máximo que podemos vislumbrar e intuir¹⁴⁵.

¹⁴⁰ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 114.

¹⁴¹ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 24.

¹⁴² Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 24.

¹⁴³ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée Brouwer, 2008), 58.

¹⁴⁴ Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 40.

¹⁴⁵ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 114.

B	O papel do Criador – Dar a vida (v.3)	O papel do Criador – recria (v.17)	B'
	³ Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito	¹⁷ Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo	

Estes versículos fazem referência à criação e nos revela que tudo foi feito por meio do Logos, da Palavra de Deus, operativa e operante. E o diz de modo afirmativo e negativo, em um paralelismo antitético¹⁴⁶. «Tudo foi feito por meio dele e sem Ele nada foi feito» (cf. Jo 1, 3). Com esta insistência recorda-se que tudo o que existe surgiu do nada e tudo foi feito pela voz de Deus, que disse: «faça-se a luz e assim se fez» (cf. Gn 1, 3).

O versículo 17, nós recebemos uma participação nesta nova riqueza de benevolência e de fidelidade, a nova Aliança que substitui a Antiga. No Sinai, Deus revelou a Moisés os Dez Mandamentos esculpidos em pedra, como expressão da sua benevolência de Deus, enquanto agora a Palavra de Deus está esculpida na carne de Jesus, como concretização visível de Deus na nova Aliança¹⁴⁷. Nesta nova Aliança, Ele é o Mediador dessa concretização¹⁴⁸.

C	Dom aos homens - rejeitado v. 4-5	Dom aos homens - acolhido (v.16)	C'
	⁴ O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; ⁵ E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam	¹⁶ Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça	

¹⁴⁶ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 116.

¹⁴⁷ Cf. Raymond Edmund Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 40.

¹⁴⁸ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 24.

Nestes versículos vemos em primeiro lugar a ação criadora do Verbo que se dirige ao homem. A vida que estava nele, se projeta sobre a massa obscura de barro antes de ter a vida. Em segundo lugar, a Luz de Deus brilhava no rosto do homem, ou dito de outra forma, a Vida divina se reflete na vida do homem¹⁴⁹. O versículo 5 nos apresenta Jesus rompendo uma imensa cerca de oposição: a escuridão que tenta sufocá-lo. Apesar de tudo, a Luz brilha no meio da escuridão. Assim, podemos entender que o evangelista contempla a vida pública de Jesus como uma luz que já brilhava no início da criação e que agora ilumina o mundo e o homem¹⁵⁰.

No versículo 16, encontramos na palavra «plenitude», com a qual se caracteriza a vida que veio do Pai por meio do seu Filho único. É uma nova era da superabundância de graça, do novo nascimento, da recriação. Como vimos na estrofe (A), o Verbo era vida e luz na ordem da criação. Como vimos, é um paralelismo e mutação¹⁵¹.

D	Testemunho de João Batista: Missão (vv. 6-8)	Testemunho de João Batista: Exemplo (v. 15)	D'
	⁶ Houve um homem enviado de Deus. Seu nome era João. ⁷ Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. ⁸ Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz	¹⁵ João deu testemunho dele, e clama: “Este é aquele de quem eu disse: O que vem depois de mim, passou adiante de mim, porque existia antes de mim”	

Nestes versículos, continuamos a apresentar o esquema de «quiasmo» ou de «cruzamento» que consideramos como parte principal desta leitura. Estes versículos são dedicados a João Batista e projeta o seu papel particular no quarto Evangelho, quando fala da

¹⁴⁹ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 118.

¹⁵⁰ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée Brouwer, 2008), 58.

¹⁵¹ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 23.

vida pública de Cristo¹⁵². Esse papel é recordado também nos Atos dos Apóstolos (cf. At 1, 22; 10, 37; 12, 14) e ainda nos Sinópticos (cf. Mt 3, 1-15; Mc 1, 1-15; Lc 3, 1-18).

No quarto Evangelho se fala de João Batista até sete vezes (cf. Jo 1, 6-8.15.19.35; 3, 27; 5, 33), um detalhe que não deixa de ter alguma importância, visto que o número sete é um número sagrado, que está relacionado com a perfeição divina¹⁵³. No v. 15, temos uma nova referência a João Batista, introduzida novamente no Prólogo, que está contida quase literalmente em Jo 1, 29-30, onde Jesus é chamado de “o Cordeiro de Deus”. Por outro lado, se tivermos em conta João 1, 27, em que João Batista confessa a sua indignidade de «desatar a correia das sandálias», nota-se uma frase ambígua, cheia de sentido, com provável referência a Dt 25, 5-10 e Rt 4, 6-7, onde João Batista vê em Jesus o esposo da Aliança¹⁵⁴, ou podemos dizer ainda neste sentido que ele se-apaga diante d’Aquele que o precedia desde toda a eternidade¹⁵⁵.

E	A vinda do Verbo ao mundo – rejeição (vv. 9-11)	A vindo do Verbo ao mundo – acolhimento (v. 14)	E’
	<p>⁹O Verbo era a luz verdadeira, que alumia todo homem; Ele vinha ao mundo. ¹⁰Estava ele no mundo, e mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não O reconheceu. ¹¹Veio para o que era seu, e os seus não O receberam</p>	<p>¹⁴E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade</p>	

Nestes versículos, o nosso hagiógrafo continua a nos apresentar o Logos como Vida, para nos dizer que a Luz que veio ao mundo ilumina todo o homem. E, dessa forma, a sua ação vivificante não se limitou a dar-nos a vida e na continuação dessa mesma vida¹⁵⁶.

¹⁵² Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 119-120.

¹⁵³ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 120.

¹⁵⁴ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée Brouwer, 2008), 57.

¹⁵⁵ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 23.

¹⁵⁶ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 121.

Apesar de haver alguns que não O reconheceram e não O receberam, porque esses ainda viviam sobre o domínio das trevas, a ação do Logos não se limita à vida do homem, mas estende-se a toda a criação, ao mundo inteiro. Em suma, o mundo também saiu das mãos de Deus e, por isso, é por Ele amado¹⁵⁷. Ao conversar com Nicodemos, Jesus dirá que Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho Unigénito (cf. Jo 3, 16). Portanto o mundo em si é bom.

No entanto, tal como o mundo é apresentado como um dos inimigos do homem, também o mundo odeia Cristo e todos aqueles que o seguem¹⁵⁸. É por isso que na primeira epístola, São João diz que «não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo: a concupiscência da carne, dos olhos e o orgulho da riqueza não vem do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa com suas concupiscências; mas o que faz a vontade de Deus permanece eternamente» (cf. 1Jo 2, 15-17).

F	Pela encarnação do Verbo, tornamo-nos filhos de Deus (vv. 12-13)
	¹² Mas, a todos que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome, ¹³ Ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.

Os vv. 12 e 13 são centrais no Prólogo de São João¹⁵⁹. A sua importância é destacada e representada como o núcleo da mensagem evangélica, o essencial, o centro da Revelação¹⁶⁰, porque a Palavra se dirige à vida, e aqui nos é explicado como ela surge. Em primeiro lugar, é manifestada ao mundo inteiro que não se opõe à Palavra. Em segundo lugar, a Palavra é

¹⁵⁷ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 121.

¹⁵⁸ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 121.

¹⁵⁹ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée Brouwer, 2008), 54.

¹⁶⁰ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 125.

orientada para gerar a filiação divina dos homens. Jesus infunde-nos um novo dinamismo: dá-nos a capacidade (*exouxía*) de nos tornarmos filhos de Deus¹⁶¹.

Assim, o Filho de Deus se tornou Homem para nos revelar que Deus é nosso Pai. O mesmo podemos ver ainda na sua primeira carta, quando exclama: «Vede que prova de amor nos deu o Pai: de sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos» (cf. 1Jo 3, 1; Ef 1, 5).

¹⁶¹ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée De Brouwer, 2008), 55.

III. UMA LEITURA EXEGÉTICO-TEOLÓGICA DE JO 1, 1-18

Estamos no terceiro e último capítulo do trabalho em curso sobre o Prólogo de João (1, 1-18). Sendo o foco principal do trabalho, não está separado dos dois capítulos anteriores, dado que, sem um estudo e um entendimento prévio da sua gênese e materialidade, não seríamos capazes de entender e interpretar este ou qualquer outro texto da Sagrada Escritura.

Sendo o texto em estudo de uma riqueza inesgotável, resta-nos olhá-lo em chave teológica e dele retirar algumas das suas coordenadas de sentido. Não é, por isso, nossa intenção fazer um estudo minucioso da perícope, mas limitarmo-nos a alguns aspetos que consideramos de maior importância: o Logos e a sua pré-existência (vv. 1-5); o testemunho de João Batista (vv. 6-8.15); e a encarnação do Logos, revelador do Pai (vv. 14.16-18).

1. O Logos e a sua pré-existência (vv. 1-5)

No termo grego “Logos”, que quer dizer “Palavra”, o leitor reconhece espontaneamente a segunda pessoa da Trindade. Contudo, essa leitura deriva de um conhecimento dogmático, que, como tal, é posterior ao próprio texto. Para evitar esse deslocamento interpretativo, o melhor é deixar a interpretação em aberto. Aliás, essa foi uma das razões que nos levaram a manter a palavra grega “Logos”¹⁶².

Num primeiro momento, a leitura do Prólogo supõe que sejam esclarecidos o significado e o alcance do termo Logos, o Verbo. Designando o Ser que o poema celebra, o termo só aparece em dois versículos (1 e 14)¹⁶³, mas tal não será seguramente por acaso. Estes versículos estão orientados um para o outro: «o segundo apresenta um novo começo que remete o leitor para o princípio. O que significa que o Logos “se fez carne” apenas se entende quando se toma em

¹⁶² Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 43.

¹⁶³ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 43.

consideração o que se quer significar com “Logos”, e acerca disso o mais importante é dito ao leitor no versículo 1»¹⁶⁴.

Se quisermos apresentar e discutir todas as tentativas de interpretação, teríamos de escrever um longo tratado, evidenciando no Prólogo toda a sua riqueza. Pretendemos, aqui, concentrar-nos somente na própria frase e tentar trazer alguma luz ao sentido da afirmação, e também em relação ao seu contexto imediato¹⁶⁵.

Segundo Xavier Léon-Dufour, «o título Logos, tomado no sentido pessoal e de modo absoluto, não se encontra no Novo Testamento a não ser no Prólogo de João. Nos outros escritos joaninos, ele é repetido apenas duas vezes, mas é então qualificado por um genitivo»¹⁶⁶. Primeiro aparece no Primeira Carta de João (cf. 1Jo 2, 7) e o segundo no Apocalipse (cf. Ap 3, 8).

A afirmação no final da longa carta, refere-se ao Logos, Filho de Deus que já veio, a Jesus Cristo “que veio em carne mortal” (cf. 1Jo 4, 2); mas este não é outro diferente do “Logos da Vida” (Jo 1, 1) “que é desde o princípio” (Jo 1, 3). As afirmações estão ordenadas uma à outra: o Logos que vive junto do Pai antes da Criação é o mesmo que se fez carne, e este não é diferente do Logos que “estava junto do Pai” (Jo 1, 2)¹⁶⁷.

Em contrapartida, os estudiosos estão de acordo em recusar um caráter “pessoal” ao Logos da Vida, de que fala 1Jo 1, 1. O texto grego não afirma que a testemunha teve contacto imediato com o Logos vivo, mas aquele que teve um conhecimento direto “concernente à palavra [a mensagem] de vida (περὶ τοῦ λόγου τῆς ζωῆς)”, que é Cristo Jesus¹⁶⁸.

O Logos é intemporal e eterno. Estava junto do Pai e iniciou uma relação ao mundo, a toda a criação (v. 3: “Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito”), especialmente ao

¹⁶⁴ Cf. Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 22.

¹⁶⁵ Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 22.

¹⁶⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 44.

¹⁶⁷ Cf. Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 24; René Latourelle, *Teologia da Revelação* (São Paulo: Paulinas, 1981), 76.

¹⁶⁸ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 44.

mundo humano: «Nele é que estava a Vida, e a Vida era a Luz dos homens (v. 4). Seja como for que se interprete o que vem a seguir, parece referir-se uma história “pré-cristã” do Logos, a sua relação com a humanidade¹⁶⁹.

Assim, por mais rápida que tenha sido a nossa visão panorâmica do título “Logos”, utilizado de maneira absoluta, ela permite uma primeira conclusão: não pode demonstrar-se historicamente que o Prólogo depende das doutrinas circunstantes que falavam do “Logos”, nem que esteja a usar-se um termo já evidente no Antigo Testamento¹⁷⁰.

Nesta pesquisa para encontrar a origem do Logos, podemos vincular ainda esta leitura ao primeiro livro do Antigo Testamento, o Génesis. Talvez nos ajude a encontrar o seu fundamento. O Prólogo começa por afirmar: «No princípio era o Verbo» (Jo 1, 1), ao passo que o Génesis afirma: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1), isto é, efetuou um ato de onde nasceu o universo. «A referência ao “princípio” do Génesis é claríssima, mas a precisão da linguagem evidencia também toda a diferença. Segundo o Génesis, este começo é o primeiro instante de uma sucessão que dura até nós»¹⁷¹.

Segundo Jacques Guillet, baseando nesta leitura anterior, «o Prólogo explicita o Génesis em dois pontos: dizendo que, no início, já existia Deus e o Verbo, e acrescentando que a ação inicial, a criação, foi obra do Verbo: “Tudo veio por Ele à existência” (Jo 1, 3) [...]. Quando o verbo “ser” é aplicado a uma criatura, é para dizer o que ela não é: “(João) não era a luz” (Jo 1, 8). Aquele que era e fez aparecer o mundo é necessariamente anterior ao mundo, preexiste à sua criação»¹⁷².

¹⁶⁹ Cf. Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 24.

¹⁷⁰ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 46-47.

¹⁷¹ Jacques Guillet, *Jesus Cristo no Evangelho de João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 11.

¹⁷² Jacques Guillet, *Jesus Cristo no Evangelho de João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 11.

1.1. O Logos e Deus (vv. 1-2)

Em Jo 1, 1 («No princípio era o *Verbo*¹⁷³, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus»), num primeiro momento, «o Logos ou a Palavra e Deus formam uma certa unidade primordial, que nos mostra o conteúdo principal dos dois primeiros versículos do Prólogo. Na esfera divina, Deus não está só: mas aparece junto Dele, aparentemente distinto e idêntico, o Logos, a Palavra»¹⁷⁴. Podemos perceber que o conteúdo do primeiro “estíquio”¹⁷⁵ não foi esgotado. Resta ainda considerar o sujeito da frase: o “Logos”. Nomeado sem nenhuma determinação, o Logos será identificado, nos estíquios seguintes, pelo seu lugar junto de Deus (v. 1bc-2) e, depois, pela sua relação com o mundo (v. 3). Por enquanto, é preciso contentar-se com o sentido fundamental do Logos (“a Palavra”): é aquilo por meio de que um ser se exprime. Afirmou-se que, no princípio, por ocasião do acto do criador, havia o Logos, isto é, a comunicação que Deus faz de si mesmo¹⁷⁶.

Para o autor do quarto Evangelho, «o Logos é eterno, já existia antes do princípio do mundo. Como podemos afirmar que a forma verbal “era” (estava/*én*), no imperfeito, que se repete quatro vezes nos primeiros dois versículos, evidencia a existência desde sempre e para sempre do Logos»¹⁷⁷. «E o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (Jo 1, 1). Como podemos caracterizar esse Logos cuja existência acaba de ser afirmada? O Logos situa-se, em primeiro lugar, em relação a Deus¹⁷⁸. Com o primeiro estíquio («O Verbo estava em Deus»), «a preposição grega *prós* (com) supõe uma certa “direção *para*”. Por isso, pode ser também traduzida como na Tradução Ecuménica da Bíblia: (voltado para Deus)»¹⁷⁹.

¹⁷³ *BSPC: A Palavra*.

¹⁷⁴ Francisco de la Calle, *A teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1985), 41.

¹⁷⁵ O termo é aplicado à poesia hebraica que vem do grego, (*stíchos*) que significa: *Uma linha singular de uma poesia*. Encontra-se ainda na análise exegética do Salmo 96. Cf. https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1512077_2017_cap_3.pdf. Acedido em 05/06/2023.

¹⁷⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 56.

¹⁷⁷ Cf. Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 29.

¹⁷⁸ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 56.

¹⁷⁹ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

No entanto, para Xavier Léon-Dufour, «num sentido literariamente distinto, os dois estíquios de 1b e 1c não podem ser dissociados, pois é juntos que eles aspiram à condição do Logos. Ao lê-lo, o cristão é levado a considerar imediatamente o Logos joanino como a segunda pessoa da Trindade, Jesus Cristo»¹⁸⁰. Não é por uma reflexão crente, mas pelo próprio texto do Prólogo¹⁸¹.

A formulação do estíquio de 1b parece estranha. Contrariamente ao uso da língua grega, um verbo de estado (“ele estava”) é seguido pela preposição *πρός* (*prós*), construída com o acusativo *τὸν θεόν* (*ton theón*)¹⁸². Às vezes, o *πρός* está construído com o dativo, como acontece noutro lugar: «Maria permanece de pé junto do túmulo (*πρός τοι μνεμήϊοι*)» (cf. Jo 18, 16; 20, 11). É depois de um verbo de movimento que a preposição *πρός* é seguida do acusativo: “Viremos à casa dele (*πρός αὐτόν*)” e lê-se imediatamente depois, com um verbo de sentido estático, a preposição *παρά*: “e estabeleceremos morada junto a ele (*παρ’ αὐτόν*)” (cf. Jo 14, 23). Nenhuma interpretação da formulação insólita de 1b é totalmente satisfatória¹⁸³.

Recuando no curso do tempo até “o princípio”, o Prólogo chega ao limiar do domínio reservado de Deus, isto é, um lugar próprio da divindade. Por certo, como o Espírito Santo não é mencionado, não se pode evocar aqui a Trindade, de acordo com a tradição cristã. Para falar da relação que o Logos tem com Deus, não chegámos a ponto de recorrer às categorias gregas de “pessoa” e de “natureza”. Mas entendemos que a relação entre o um e o múltiplo encontra aqui o seu modelo: no ponto de partida em Deus, está não uma individualidade qualquer fechada, mas a relação. Deus é a relação subsistente original. Vinda de Deus, pelo Logos, a criação pode tornar-se expressão *ad extra* dessa relação¹⁸⁴.

¹⁸⁰ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 56-57.

¹⁸¹ Cf. Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 24.

¹⁸² Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 57.

¹⁸³ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 57.

¹⁸⁴ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 65.

Segundo Francisco de la Calle, «o Logos não é uma criação de Deus, nem como a sabedoria judaica, “aquela que foi gerada antes dos abismos” (cf. Pr 8, 22ss); pertence desde sempre a origem divina, incriada. Deus se faz presente no Logos e isto antes da criação do mundo, no tempo infinito de Deus. O Logos é Deus e está junto de Deus»¹⁸⁵. Daquela que, na terminologia joanina, está junto do Pai (cf. Jo 13, 1; 14, 12; 16, 10.17.28; 20, 17), aplica-se a Jesus preexistente, que já não é apenas anterior apenas a João Batista (cf. Jo 1, 30) ou a Abraão (cf. Jo 8, 58), mas à própria criação: «desde sempre, estava junto de Deus» (cf. Jo 1, 1).

O evangelista João não prolonga artificialmente o tempo, nem o anterior à criação nem o fim dos tempos; ele tem acesso àquele que dá sentido ao tempo. Isso porque o Logos, está continuamente junto de Deus, comunica a todos a sua própria essência. Na sua totalidade, os seres criados expressam Deus, porque todos eles são “in-formados” pelo Logos que está continuamente junto de Deus¹⁸⁶.

1.2. O Logos e a Vida (vv. 3-4.10.13)

No versículo 4, encontramos esta passagem: «o que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens». O texto diz-nos que o Logos é a vida (*zôé* – v. 4a) de tudo o que existe e sem ele nada por existir (cf. v. 4a; 1Cor 8, 5-6; Cl 1, 15-17). A *zôé* não é a vida biológica, que termina com a morte. É a vida de Deus, da qual provém toda a existência, precisamente, por meio do Logos (cf. Gn 2, 7.9)¹⁸⁷. Este versículo 4 assinala, portanto, uma transição da criação original, que deu origem a tudo, para uma ideia mais avançada, a de uma forma especial de vida, uma criação espiritual que é extraída da criação simples, a feitura de uma nova criação no seio da criação antiga¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Cf. Francisco de la Calle, *A teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1985), 42.

¹⁸⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 65.

¹⁸⁷ Cf. Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 30.

¹⁸⁸ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 267.

Como podemos entender esta relação do Logos com o mundo que ele criou? Para explicar esta presença do Logos, para os homens, São Paulo utiliza a analogia da imagem de Deus (cf. Cl 1, 15), de modo que os homens, eles também imagem de Deus (cf. Gn 1, 27), devem ser compreendidos em função do protótipo que é Cristo (cf. Rm 8, 29). Essa é a base do “exemplarismo” pregado por muitos Padres da Igreja¹⁸⁹.

Na passagem de «o que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas e as trevas não a prenderam». A tradução proposta supõe a solução de alguns problemas: o primeiro, de ordem textual, recorre a considerações, em diversos domínios: histórico, gramatical e exegético¹⁹⁰.

Na ordem gramatical, algumas vezes nos fornece indicações claras acerca da pontuação a ser preferida. Em consonância com isso, alguns salientam em defesa da pontuação mais estranha, de acordo com os Padres ante-nicenos, de que há uma declaração similar em Ap 4, 11: «Tu és digno, Senhor e Deus nosso [...], por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas». Dessa maneira, aprendemos que toda a vida criada é uma expressão daquele poder eternamente existente no Logos, e que transmite a vida¹⁹¹.

1.3. O Logos e a Luz (vv. 5.9)

Se João houvesse falado apenas de vida, correria o risco de não se fazer entender bem, dando a crer que se trata da vida dada aos homens como um bem próprio inalienável. Se ele houvesse falado unicamente de luz, teria corrido o risco de velar o seu caráter existencial¹⁹². Tal faz-nos lembrar o salmista que aclama: «Junto de Ti está a fonte da Vida, em Tua luz vemos a Luz» (cf. Sl 36, 10; Is 2, 5; Pr 6, 23; Sb 18, 4).

¹⁸⁹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 65.

¹⁹⁰ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 66.

¹⁹¹ Cf. Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 266.

¹⁹² Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 69.

Para o evangelista João, é desde sempre graças ao Logos, fonte de vida, que os homens vêm a luz, conduzindo-os à plenitude de vida¹⁹³. O versículo 4 do Prólogo, tão denso, sem dúvida, faz eco das diferentes correntes do pensamento da época e antecipa as palavras de Jesus, noutra passagem: «Eu sou a luz do mundo, quem me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida» (cf. Jo 8, 12; 9, 4-5; 12, 35-35.46).

Diz o versículo 5 que «a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a *apreenderam*¹⁹⁴». Encontramos na Sagrada Escritura este conflito entre a luz e as trevas, até mesmo atribuído a Deus: “Eu formo a luz e crio as trevas” (cf. Is 45,7). Ora, eis um dado importante da revelação: a luz triunfará das trevas, mas só no fim dos tempos, quando desaparecer a noite que a simboliza (Is 60, 19s), quando a luz continuar, mesmo depois de terminar o dia (cf. Zc 14, 7; Ap 21-22). Até lá, como a luz da manhã triunfa sobre a noite, assim a luz triunfará sobre as trevas, sem as abolir (Is 17, 14; 29, 7; 60, 20; Sl 46): tal é a condição do homem que o Prólogo reflete, até que venha Cristo, luz do mundo, e até que pela fé o homem seja liberto das trevas.

Os vv. 6-8, onde se faz a referência a João Batista, a testemunha da luz, e o versículo 9 referem-se ao próprio Logos como Luz verdadeira que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina¹⁹⁵. O versículo 5 («a luz brilha nas trevas e as trevas não a detiveram») dá um salto: deixa o estado anterior indicado pelo imperfeito “era” para enunciar um facto presente (“brilha”) que, por sua vez, é apoiada por um aoristo passado (“não o deteve”). Impõe-se aqui uma opção para traduzir o verbo *katélaben*, que pode significar tanto acolher, compreender¹⁹⁶, como apanhar, impedir, deter, apoderar-se.

Por conseguinte, através da imagem da luz, «o autor joanino revela-nos o modo de ser e de se comunicar do Logos, ou seja, ele é o domínio total sobre as trevas e, ao mesmo tempo,

¹⁹³ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 69.

¹⁹⁴ BS: “receberam”; BSPC: “venceram”.

¹⁹⁵ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

¹⁹⁶ No sentido de acolher, de agarrar, adoptado por R. Bultmann, R. Schnackenburg: em Rm 9, 30; 1Cor 9, 24; Fl 3, 12.

o poder que realiza todas as realidades à volta dele. De facto, tal como a ação da luz sobre a escuridão, o Logos brilha sempre no presente das trevas (cf. vv. 4b-5). Sendo assim, o versículo 4b introduz-nos no cerne do testemunho – o acolher, ou não, o Logos –, que é evidenciado no confronto entre a luz e as trevas» (cf. v. 5)¹⁹⁷.

No versículo 9, encontramos esta passagem «O Verbo era a luz verdadeira *que alumia todo homem*¹⁹⁸; *ele vinha ao mundo*»¹⁹⁹. Para suportar este argumento, segundo Johannes Beutler, «com a Luz e a Vida são apresentadas duas palavras-chave, centrais para a teologia joanina. Assim como Jesus dá a vida (cf. Jo 3, 16.36), Ele é Vida (Jo 14, 6), assim também é luz do mundo (Jo 9, 5; 8, 12; 12, 46). A Encarnação da Palavra divina ainda não é abordada diretamente aqui, mas neste lugar parece já estar pressuposta»²⁰⁰.

E, segundo Bernardo Corrêa d’Almeida, «o autor não se limita a mencionar os extremos opostos das suas oposições – por exemplo: luz e trevas, mostra também o caminho a percorrer para chegarmos à meta que nos é proposta. Todas as oposições joaninas visam a passagem da morte à vida e marcam o ritmo da vida dos homens em Deus, na certeza da vitória do seu Unigénito»²⁰¹.

2. O testemunho de João Batista

O lugar concedido a João Batista, neste Hino ao Logos, pode parecer surpreendente. Uma hipótese provável é a que as duas passagens do Prólogo relacionadas com João Batista foram aí posteriormente inseridas²⁰².

¹⁹⁷ Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 32.

¹⁹⁸ *BS*: “a todo homem ilumina”; *BSPC*: “toda a humanidade”.

¹⁹⁹ *BS*: “ao vir ao mundo”; *BSPC*: “luz que apareceu neste mundo”.

²⁰⁰ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 49.

²⁰¹ Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 33.

²⁰² Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

Como vimos, João Batista aparece em dois momentos, no Prólogo: Jo 1, 6-8 e 15. No primeiro momento, fala-se do seu ser testemunha do Logos (Jo 1, 6-8) e, no segundo, de como atualizou esse ser, o testemunho (Jo 1, 14-15). Como os três Sinópticos, o quarto Evangelho também defende a preeminência de Jesus e constitui João Batista como testemunho da Luz, do Logos²⁰³. Ele resume, de certo modo na sua pessoa, todas dos Profetas do Antigo Testamento acerca de Cristo²⁰⁴.

2.1 . João testemunha a Luz (vv. 6-8)

João Batista é a grande testemunha do Logos: «Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz» (Jo 1, 6-8).

No primeiro momento, «o testemunho de João Batista (cf. Jo 1, 6-8) assenta na verdade de que o Logos brilha nas trevas (cf. v. 5) e que a sua luz ilumina todos os homens (cf. v. 9). Como nos confirma o texto joanino, o Logos chama-nos das trevas à luz, sem nunca se confundir com o mundo (cf. Jo 9, 1-41; 16, 22; 18, 5)»²⁰⁵.

O testemunho de João Batista «serve sempre para despertar a fé em Jesus. Assim, em João 3, ao fazer a alusão ao testemunho de João Batista (Jo 3, 26), termina prometendo a vida a quem aceitar Jesus na fé (Jo 3, 26)»²⁰⁶.

Nos vv. 6-8, João Batista «representa ainda numa figura típica de todos os “testemunhos” que, no curso da história, foram encarregados de atestar a presença no mundo da luz divina. No tempo que precede a encarnação do Logos, Deus não deixou que faltassem testemunhos encarregados de orientar os homens para a luz que já os ilumina»²⁰⁷. Por isso, o

²⁰³ Cf. Francisco de la Calle, *A teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1985), 47.

²⁰⁴ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 19.

²⁰⁵ Bernardo Corrêa d'Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 33.

²⁰⁶ Cf. Johannes Beutler, *Comentário al Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 53.

²⁰⁷ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 76.

texto pode declarar (Jo 1, 6) que João “veio” para dar seu testemunho, mas a sua função é exercida, poder-se-ia dizer, ao longo de toda a história.

A missão de João Batista, como o texto apresenta, consiste em que ele foi enviado por Deus e que veio para dar testemunho da luz, para que todos acreditassem por meio dele (Jo 1, 7). Neste sentido, «o testemunho de João Batista nos versículos 6-8 (onde se repete por três vezes a palavra “testemunho – *martyria*”), já nos aponta para o Logos feito carne, ou seja, para Jesus, que será chamado pelo nome, apenas no versículo 17»²⁰⁸.

No Quarto Evangelho, podem ser deduzidas não poucas características de João Batista, que contrastam com as de Jesus. O Logos, que é Jesus, tem a sua origem na eternidade, em Deus [Ev] (Jo 1, 1). Já João Batista aparece no tempo (Jo 1, 6: ἐγένετο). João só faz sentido em relação a Jesus, sendo dele uma testemunha. Por quatro vezes, lhe é aplicada a ideia de dar testemunho acerca de Jesus (Jo 1, 15.19.32.34)²⁰⁹.

Na perspectiva de Xavier Léon-Dufour, «não é o caso de opor o aoristo ἐγένετο, ao falar de João Baptista, ao imperfeito ἔβητο falando do Logos. Pois a frase não começa por um “e”, que convidaria a ligar estreitamente esta passagem a João 1, 1. Trata-se de um novo aspeto de história do Logos: um personagem deste mundo é encarregue de proclamar aos homens a presença da luz do Logos, a fim de que eles a reconheçam»²¹⁰.

2.2. João testemunha o que vem depois dele (v. 15)

No versículo 15, «João dá testemunho Dele e clama: Este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim» (Jo 1, 15).

A segunda parte do testemunho de João Batista mostra-nos o seu aparecimento em simetria com os versículos anteriores (cf. vv. 6-8). Ao qual pode dizer-se, «para aquele que

²⁰⁸ Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 33.

²⁰⁹ Cf. Secundino Castro Sánchez, *Evangelio de Juan* (Bilbao: Desclée Brouwer, 2008), 53.

²¹⁰ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 73.

acaba de manifestar na carne e grita: “Este é aquele de Quem eu disse: O que vem depois de mim passou à minha frente, porque existia antes de mim”»²¹¹.

Novamente aparece no versículo 15 «a figura de João Batista, ao qual já tinha falado nos versículos 6-8. Ao nomeá-lo ali, a palavra divina introduziu-se na história dos homens, e ao chamá-lo de testemunha de Jesus, iniciou-se um “grande processo” entre Jesus e o mundo»²¹².

Por isso, podemos perceber que, no contexto da história da salvação, «João Batista representa os sábios e os profetas de Israel que procuraram conduzir o povo de Deus à luz da verdade (cf. Jo 1, 23; Os 2, 19; Sb 18, 3ss). O objetivo do testemunho de João Batista é que todos, sem exceção, acreditem na Luz. Como os sábios e os profetas não eram a luz, também João Batista não é a luz, mas dá testemunho dela, é iluminado pela luz e ilumina para a luz, a grande protagonista»²¹³.

Por conseguinte, no que diz respeito ao testemunho de João Batista, segundo a perspectiva de Xavier Léon-Dufour «note se que na narrativa a seguir do Prólogo, isto é, de João 1, 19-28, (João Batista perante as autoridades), que se define como a via da profecia, atualiza toda a tradição profética que o precedeu»²¹⁴, e que se define como sendo a voz de Deus, na senda dos profetas de Israel (cf. Jo 1, 23), que nos orienta para Jesus²¹⁵.

No nosso entender, justifica-se muito bem a presença do v. 15 nesse lugar da sequência do Prólogo. João Batista, cuja missão, no que diz respeito à luz, foi afirmada na primeira parte, profere agora o seu testemunho a respeito do Logos encarnado; ele vem garantir a inusitada afirmação dos discípulos que contemplaram num homem a glória do Filho único de Deus (v. 14c)²¹⁶.

²¹¹ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 23.

²¹² Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 58.

²¹³ Cf. Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 33-34.

²¹⁴ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 76.

²¹⁵ Cf. Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 34.

²¹⁶ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 101.

Sim, aquele que se apresentou na carne, e cuja existência está inscrita no tempo deste mundo, está acima do próprio João Batista. A preeminência de Jesus Cristo baseada em sua preexistência, esse é o conteúdo do testemunho aí produzido²¹⁷.

Por fim, segundo Russell Norman Champlin, «não obstante, a ênfase existente no quarto evangelho recai sobre o papel desempenhado por João Batista no plano da redenção universal, o que, por si mesmo, é um conceito bem mais elevado do que aquele usualmente expresso na doutrina acerca do reino. Foi o testemunho de João Batista que levou a Cristo os seus primeiros discípulos, que posteriormente foram feitos seus apóstolos»²¹⁸.

3. O Logos fez-se carne e estabeleceu a tenda entre nós (Jo 1, 14)

Entramos no ponto culminante do estudo do Prólogo de João, «que nos apresenta a leitura do incrível paradoxo do Logos eterno de Deus que nos recordemos no início do versículo 1, ter entrado na nossa história»; na criação, (Gn 1, 1) quando Deus criou pela Palavra²¹⁹.

O versículo 14 do Prólogo diz-nos que «o *Verbo*²²⁰ fez-se carne e estabeleceu a tenda²²¹ entre nós; e *nós vimos*²²² a sua glória, glória que Ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade».

A frase que anuncia a encarnação do Logos divino (Jo 1, 14), adquiriu para a cristologia dos séculos seguintes uma enorme importância²²³. Esta é o ponto culminante da Revelação que o Logos faz ao longo da história, a fim de conduzir os homens à salvação. Realiza-se com a Encarnação, quando o Logos se fez carne²²⁴, e exprime o facto central da nossa salvação. E, o

²¹⁷ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 101.

²¹⁸ Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 267.

²¹⁹ Cf. Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1221.

²²⁰ *BÍBLIA*, Conferencia Episcopal Portuguesa: “A Palavra”.

²²¹ *BS*: “habitou”.

²²² *BS*: “contemplamos”.

²²³ Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 21.

²²⁴ Cf. Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, S. A., 2008), 109.

caminho para alcançar a salvação e a vida eterna é acreditar em Jesus e na sua doutrina, que não vem do homem, mas de Deus. (cf. Jo 3, 31-26).

Com o versículo 14, anuncia-se um novo e especial acontecimento: o Logos espiritual-divino entrou na nossa história e tornou-se ele próprio “carne”, Homem. O “ele tornou-se” exprime, depois dos muitos “Ele era”, um acontecimento. Comparando-o com o “começar a existir” da criação (v. 3), é um acontecimento que lhe é análogo, semelhante-dissímilante. A criação entrou na existência, mas o Logos já existia²²⁵.

3.1. Estabeleceu a tenda entre nós (Jo 1, 14)

Num primeiro momento, o versículo afirma que «ele habitou (ἐσκήνωσεν) entre nós» (cf. Jo 1, 14). Como podemos perceber, esta afirmação ou declaração de João «e habitou entre nós», realça a habitação de Deus no meio de nós. «Armou a sua tenda» é a tradução mais literal do verbo grego que costumamos traduzir por «habitou». Estamos assim perante o auge de todos os ensaios da habitação de Deus, no meio de nós, a que o Antigo Testamento alude quando fala da tenda, do templo, do tabernáculo²²⁶.

Para Rudolf Schnackenburg, a expressão “estabelecer a tenda” ou “habitar” do Logos entre nós, «liga-se à imagem do habitar de Deus entre o seu povo, um pensamento que, para Israel, nasce da proximidade de Deus na “tenda da reunião”, na caminhada pelo deserto, e mais tarde no Templo de Jerusalém»²²⁷. E, segundo Bruno Maggioni, «a expressão “estabelecer a tenda” designa o modo da presença de Deus, evocando as origens (cf. Nm 12, 5; 2Sm 7, 6; Ex 25, 8-9). Os profetas usaram a expressão no sentido escatológico, para indicar a futura e definitiva presença de Deus (cf. Zc 2, 14; Ez 3, 37)»²²⁸.

²²⁵ Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 25.

²²⁶ Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1222.

²²⁷ Cf. Rudolf Schnackenburg, «E o Verbo se fez Carne», in *Communio*, 20 (2003), 28.

²²⁸ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 285.

Como mostra o paradoxo precedente que continua por uma frase muito sóbria que esclarece o modo de existência do Logos encarnado. O termo grego “ἔσκηνώσεν” é um aoristo complexo do verbo σκηνόω que significa “plantou a sua tenda” e poderia evocar o uso passageiro da tenda²²⁹. Ainda em relação com o motivo da habitação, Bruno Maggioni chama a atenção para «o paralelo de Sr 24, 8. Aí ocorre a expressão “estabelecer a tenda”, não tendo o Senhor como sujeito, mas a Sabedoria, que estabelece sua morada entre os homens»²³⁰.

Refere Annie Jaubert que «o verbo “skenóô”, de “skênô tenda”, havia tomado o sentido de “habitar”. Devemos, porém, manter aqui a alusão à tenda do deserto que, para um israelita, evocava a presença de Deus no meio do seu povo, durante este período idealizado, no qual Deus viajava e acompanhava os seus na tenda da reunião; a sua presença estava simbolizada pela nuvem e pelo fogo (cf. Ex 40, 34-38)»²³¹. E continua esta autora que «o quarto Evangelho mostrará, ao longo da sua exposição, que a morada de Deus é o próprio Jesus, a única e verdadeira presença de Deus no meio do seu povo»²³².

No segundo momento, como podemos perceber que com esta estrofe, «comporta assim dois pontos ligados pela palavra “glória”. O primeiro culmina com “e nós vimos a sua glória”, em que consiste o acontecimento anunciado; e o segundo consiste na “glória que ele tem junto do Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade”»²³³. Por conseguinte, as nossas reflexões agrupam-se em torno desses dois pontos: o “acontecimento” e a “glória”.

3.2. *O acontecimento e a glória*

Pela primeira vez, depois do versículo 1, reaparece explicitamente o termo Logos. Isto é significativo: «indica o lugar central e a importância do versículo e convida o leitor a lê-lo em

²²⁹ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 92.

²³⁰ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 285.

²³¹ Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 25-26.

²³² Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 26.

²³³ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 89.

conexão contraste com o versículo 1»²³⁴. O Logos tornou-se «carne», assumindo a condição da natureza humana (cf. Jo 3, 6; 7, 2). “Logos” e “Carne” «são dois conceitos típicos do quarto Evangelho, onde a figura de Jesus é contemplada numa perspectiva que ao mesmo tempo desperta a curiosidade pelos enigmas que aborda, e tem um poder de fascínio»²³⁵.

Segundo Bernardo Correia D’Almeida, a palavra «Carne, *Sarx*, expressa a natureza humana (cf. Jo 3, 6; 17, 2), indica o lugar da habitação, no qual o Logos, aquele que habita, veio morar connosco. Com a Encarnação do Logos, a história da salvação entrou na sua plenitude, pois o ser humano, criado à imagem e à semelhança de Deus, foi perfeitamente habitado pelo Logos»²³⁶.

Posto estas afirmações, voltando ao primeiro ponto, em que com o versículo 1, ao qual a nossa passagem está ligada por um “e” (único caso, em todo o Prólogo, em que ele se encontra logo no início) e pela retomada do título “Logos”, o versículo 14 comporta primeiro três estíquios que são coordenadas entre eles por dois “e”, formando assim uma única frase²³⁷. À diferença do versículo 1, que se junta ao versículo 2 para esclarecer que para o fim do texto se encontra em “Ele estava junto de Deus”, a ponta do versículo 14 se encontra no 3º estíquio (“nós vimos a sua glória”), cujo último termo, “glória” logo é retomado na frase seguinte, estritamente ligada à primeira²³⁸.

O evangelista João chama a nossa atenção para um contraste, «uma distância que vem sendo superada pela Encarnação do Filho Deus. No versículo 1, afirma-se que o Logos era (existia), numa existência plena e divina, sem início ou mudança. Aqui, (Jo 14), o Logos torna-se algo, assume uma existência histórica em devir, carregada de fraqueza e impermanência»²³⁹.

²³⁴ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 284.

²³⁵ Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 47.

²³⁶ Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 39.

²³⁷ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 89.

²³⁸ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 90.

²³⁹ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 284.

No entender de António García-Moreno, a Encarnação do Filho de Deus «é uma demonstração suprema do amor divino, uma vez que Deus não tinha nada maior para dar aos homens do que o seu próprio Filho: “Nisto se manifestou o amor que Deus tem por nós, em que Deus enviou ao mundo o seu Filho único. para que possamos viver através dele (cf. 1Jo 4, 9)»²⁴⁰.

Para alguns, esta lógica da Encarnação do Logos ainda «é uma novidade extrema, e é compreensível que tantos autores se tenham detido aí. Descendo ao nosso universo, o Logos eterno preferiu tornar-se temporal e, por isso, torna-se carne: daí a tradução: “e o Logos se fez carne”»²⁴¹. Será esta uma afirmação satisfatória?

Se estivermos atentos na leitura do texto do Prólogo, «a expressão da vinda do Logos já fora anunciada em 1, 10ss: “ele estava no mundo” e “ele veio à sua propriedade”. Se é verdade que o Logos é Deus se comunicando, a comunicação não começou com a Encarnação, mas logo a partir da criação, prosseguindo durante toda a história da revelação»²⁴². Contudo, a Encarnação do Logos marca uma mudança radical no modo da comunicação. «Considerado teologicamente, constituiu o cume do Prólogo do Evangelho de João»²⁴³.

Em que consiste essa mudança é o que a análise das palavras permitirá esclarecer. Por agora, contentemo-nos em dizer que a mudança se efetua em dois pontos: primeiro, «a presença na “carne” é diferente da presença difusa da luz divina na “criação e na história”; segundo, “a experiência da glória” é diferente do acolhimento da luz»²⁴⁴. Trata-se agora da dádiva do encontro, «não se trata apenas de afirmar um novo estado do Logos como tal, mas sobretudo de estabelecer com segurança que a sua presença, sob esse novo modo, é “habitar connosco”, é um “face a face”: o acontecimento aqui é propriamente, “nós vimos a sua glória”»²⁴⁵.

²⁴⁰ Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 69.

²⁴¹ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 90.

²⁴² Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 90.

²⁴³ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 57.

²⁴⁴ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 90.

²⁴⁵ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 90.

Segundo ponto: “e nós vimos a sua glória”. Esta afirmação «surge como consequência, e pode ver-se em Cristo, a glória de Deus. Uma visão muito semelhante à fé. De facto, esta visão da glória só é acessível aos crentes “vimos a sua glória”»²⁴⁶. Para Bruno Maggioni, «a expressão “nós vimos a sua glória” continua o Prólogo e, com isso, indica-se a leitura da trajetória de Jesus que a fé soube realizar. O autor coloca a seguinte questão: Que significa ver? Quais são as suas condições? Antes de tudo, ver é possível no interior de um (*nós*), como exprime a fórmula no plural. É um ver comunitário»²⁴⁷.

Ora, por conseguinte, para «os que atestam aqui na 1ª pessoa do plural – ter visto a glória do Logos são as testemunhas da vida de Jesus de Nazaré, aqueles que reconheceram a sua glória divina nas obras que realizou»²⁴⁸. Essas são as testemunhas de que fala a Primeira Epístola de João: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida» (cf. 1 Jo 1, 1).

O Prólogo torna-se aqui propriamente uma confissão de fé²⁴⁹. Pela fé, aprofunda-se a sua realidade. «Glória de Filho único [enviado] de junto do Pai». Neste trecho, o texto grego apresenta algumas dificuldades: «δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, “*dóxan hós monógenos parà patrós*”». A partícula ὡς não enuncia uma comparação (como aquela que um filho único tem de seu pai), porque o substantivo μονογενοῦς deveria, neste caso, ser determinado por um artigo²⁵⁰. Revelando o fundamento da afirmação, ela significa “na qualidade de”²⁵¹. Permite assim matizar o genitivo, que teria sido mais imediato. Daí a nossa tradução: não “glória *do* Filho único”, mas, “glória *de* Filho único”²⁵². É enquanto Filho único de Deus que o Logos faz brilhar a sua glória. No dizer de João, «a glória do Logos é a glória do unigénito, é uma glória

²⁴⁶ Cf. Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1222.

²⁴⁷ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁴⁸ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 94.

²⁴⁹ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 94.

²⁵⁰ Cf. Jo 15, 6; Mt 17, 2; 18, 3ss.

²⁵¹ Cf. Mc 1, 22; Rm 1, 21; 1Pd 2, 2; Ap 5, 6.

²⁵² Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 96.

que o Logos possui enquanto Filho, enquanto próximo, está voltado para o Pai. Poderíamos dizer uma glória que é dom, e que é acolhida»²⁵³.

A palavra μονογενοῦς, de acordo com a etimologia adotada, pode significar duas coisas:

- “Filho único”, para salientar que o título de Filho (hyios) pertence exclusivamente ao Logos Encarnado, enquanto os crentes são chamados de “filhos de Deus” (Jo 1, 12: τέκνα θεού). De facto, Ele é único no seu “género” (génos), é “só” (monos) na sua natureza.

- Ou então, de acordo com uma etimologia mais verossímil, a palavra deriva do verbo “gínomai”, fazendo referência à origem: “esse Único é mesmo o gerado pelo Pai”²⁵⁴. Portanto, Ele é a glória do Pai.

Depois destes dois pontos principais do versículo – o “acontecimento” e a “glória” –, há um terceiro momento que não podemos deixar de lado, isto é, «glória como unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14). Mostra nos como o ponto culminante do Prólogo, que nos fala «do incrível paradoxo de o Logos eterno de Deus – recorde-se as afirmações do versículo 1 – é o facto de o Logos ter entrado na história humana, como sujeito desta história; tinha entrado nela no princípio na criação, quando Deus criou pela Palavra. Acontecimento único e quase inimaginável»²⁵⁵.

Continua ainda este autor que «a afirmação de encarnação – segundo a intenção do evangelista – destina-se também a indicar a razão última da possibilidade oferecida ao homem de chegar a ser filho de Deus»²⁵⁶.

²⁵³ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁵⁴ Cf. Ignace de La Potterie, *La Vérité dans saint Jean I*, apud: Raymond E. Brown, *La comunidade del discípulo amado. Estudios de la eclesiologia juánica* (Salamanca: Sígueme, 1991), 123.

²⁵⁵ Cf. Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1221.

²⁵⁶ Cf. Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1221.

4. O revelador do Pai (vv. 16-18)

Continuamos a nossa reflexão para os versículos seguintes, onde encontramos a passagem: «Pois de sua plenitude, todos nós recebemos graça por graça» (Jo 1, 16).

Em consideração do movimento do Logos, podemos fazer duas leituras, a este respeito: Em primeiro lugar, com o versículo 16 volta o movimento de descida do Logos. É um movimento de Encarnação: da permanência junto do Pai, à história dos homens, a nós. É um movimento de doação: de sua plenitude podemos colher graça sobre graça²⁵⁷.

Para Johannes Beutler, «no versículo 16, retoma-se o versículo 14. A primeira pessoa do plural que estava no versículo 14: o “nós” da comunidade que canta. Novamente a palavra “graça” é encontrada»²⁵⁸.

No versículo 16, temos ainda a expressão: “de sua plenitude”. Exige-se, da nossa parte, uma compreensão mais ou menos adequada do seu sentido. Para tal, segundo Xavier Léon-Dufour, «dessa plenitude, nós recebemos “graça por graça”. Segundo este autor, este recurso exige da nossa parte uma explicação. A preposição *antí* indica uma certa relação entre duas identidades. De acordo com o sentido mais clássico, tratar-se-ia de uma substituição: “em vez de” ou “em lugar de”. Seria preciso compreender então que uma primeira graça foi substituída por outra graça, definitiva»²⁵⁹.

Alguns estudiosos, com receio de ver aí uma oposição em toda a sua força, assimilaram *antí* a *epí* (= “sobre”): haveria um acumular de graças, de onde a tradução: “graça sobre graça”, apesar de o fundamento gramatical ser insuficiente²⁶⁰. A expressão pode entender-se de diversas maneiras: «como “graça após graça”, “cada vez mais graça”, “uma graça por outra”. A primeira

²⁵⁷ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁵⁸ Johannes Beutler, *Comentário al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 59.

²⁵⁹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 102.

²⁶⁰ Este argumento é apresentado por R. Bultmann, p. 53 nota 1. Cf. Ignace De la Potterie, 142-460. Menos aceitável ainda é a oposição de J. M. Bover, (1956) pp. 454-460, retomada por P. Joüon (1932), p. 206: “a graça do cristão correspondendo à graça de Cristo”, apud: Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 103.

possibilidade resulta mais provável, reforçada pela expressão “*pléroma plenitude*” que se encontra neste contexto. Fora da nossa passagem, no Novo Testamento, esta última se encontra só em São Paulo e na sua escola, e simboliza a salvação de fim dos tempos em Cristo (cf. Col 1, 19; Ef 1, 10.23)»²⁶¹.

Em segundo lugar, depois do testemunho de João Batista, os que acreditam não são apenas as primeiras testemunhas de Jesus, mas a comunidade dos discípulos que haviam multiplicado: eis o que significa esse “*todos nós*”²⁶².

No início da frase (v. 16), «encontra-se um *hóti* que normalmente indica uma relação causal; depois do testemunho de João Batista, no versículo 15, o autor, retomando alguns termos do versículo 14, quer afirmar solenemente a experiência de todos os crentes»²⁶³. Estes termos são sublinhadas explicitamente pelas seguintes expressões: «graça e verdade, ou seja, o que o Logos feito carne possui em plenitude. Portanto, o Logos feito carne substitui a Lei; Jesus é a Lei por excelência»²⁶⁴.

O versículo 17 («Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo»). Com base neste versículo, «a primeira graça é a Lei judaica, corre-se o risco de deduzir o horizonte do Prólogo; é por esse motivo, que o autor usou uma fórmula vaga que pode ser traduzida por “graça por graça”»²⁶⁵.

Segundo Bruno Maggioni, «o panorama da exegese deste versículo mostra duas linhas de interpretação. A primeira, lê o versículo na linha da teologia paulina, à luz da oposição Lei-graça»²⁶⁶ (cf. Rm 4, 15-16; 6, 14-15; Gl 5, 4), que, ao fazer esta oposição, quer mostrar o contraste entre as obras humanas e o dom de Deus. João declara abertamente que o Antigo Testamento é superado e anulado pela graça e verdade que vem de Cristo²⁶⁷. A outra lê o

²⁶¹ Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 59.

²⁶² Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 102.

²⁶³ Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 102.

²⁶⁴ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁶⁵ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 103.

²⁶⁶ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

versículo na perspectiva da revelação: «não Lei e graça estão em oposição, mas revelação mediante Moisés e revelação plena por Jesus. A segunda linha é preferível; a primeira situa-se numa temática alheia ao evangelho de João»²⁶⁸.

Contudo, podemos notar que o evangelista João gosta de insistir, a cada passo, no caráter absoluto da revelação feita por Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Assim, na frase que examinamos, predomina a ideia da oposição que prevalece entre o Antigo Testamento e o Novo, e não a do cumprimento que o Antigo encontra no Novo²⁶⁹.

Gerhard Kittel²⁷⁰ chama a atenção para o claro paralelismo que liga o v. 14 ao v. 17, afirmando que a Lei foi dada por Moisés (v. 17), mas a graça e a verdade tornaram-se realidade por meio de Jesus Cristo. Implícita está aqui uma antítese com o versículo 14: a “Lei” vem mediante de Moisés, “a graça e a verdade” mediante Jesus, o Logos se faz Carne²⁷¹.

Para Johannes Beutler, a dupla expressão “graça e verdade” provém das palavras que Moisés percebeu na teofania de Êxodo 34: «O Senhor, o Senhor, Deus misericordioso e clemente, lento em irar-se e rico em amor e fidelidade; no grego da Septuaginta: *poluéléos kai aletidos*»²⁷².

Na perspectiva de Annie Jaubert, que se apoiou nalguns autores, Moisés e a Lei (v. 17) teriam sido acrescentados posteriormente, mas, mesmo assim, foram integrados no conjunto do texto do Prólogo. O paralelo entre Cristo e a Toráh (Lei) está subjacente a todo o Prólogo. No judaísmo da época, a Toráh existia desde o princípio²⁷³.

²⁶⁷ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 79.

²⁶⁸ Cf. Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁶⁹ Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 79.

²⁷⁰ Foi um teólogo luterano alemão (23 de setembro de 1888 - 11 de julho de 1948), e lexicógrafo de línguas bíblicas. Ele é conhecido no campo dos estudos bíblicos por seu *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, (*Dicionário Teológico do Novo Testamento*), apud: B. Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 286.

²⁷¹ Cf. Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 287.

²⁷² Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 58.

²⁷³ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 24.

Impõe-se ainda acrescentar um esclarecimento ao versículo 17, «as duas preposições que se encontram neste versículo são construídas em paralelismo»²⁷⁴, significando, ao mesmo tempo, correspondência e avanço. Esse paralelismo aparece se o texto for disposto de seguinte forma:

A Lei	A graça e
foi dada	a verdade surgiram
Por meio de Moisés	por meio de Jesus Cristo

Desta forma, «o dom da Lei corresponde ao dom (*kháris*) da Verdade, em Jesus Cristo. Entre os membros da frase não existe oposição, mas progressão que vai, não da Lei à graça, mas da Lei à Verdade. Essa Verdade vai além da Lei, que não passa de uma manifestação incompleta da mesma; ela revela plenamente o que o Deus da Aliança sempre quis continuar com Israel, desde a sua escolha»²⁷⁵.

O último versículo do Prólogo refere que «ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer» (Jo 1, 18).

O versículo 18 («Ninguém jamais viu a Deus») alude à antiga crença judaica de que ninguém podia ver a Deus sem morrer (cf. Jz 13, 22); o Profeta Isaías tremera diante da Glória do Senhor (Is 6, 4). Porém, à medida que se ia tornando mais profundo o sentido da radical diferença entre Deus e o homem, compreendia-se que nenhuma das visões do Antigo Testamento poderia ser uma visão direta de Deus. Nem Moisés nem Elias poderiam ter visto a Sua face (cf. Ex 33, 18-20; 1Rs 19, 11-13)²⁷⁶. Este “não poderiam ter visto”, na leitura de Bernardo Correia d’Almeida, pode dizer-se que, «pois, persiste em nós o limite do pecado e da morte (cf. Ex 33, 22ss; Is 1, 5) e, sobretudo, porque Deus não se vê, com os olhos deste mundo

²⁷⁴ Num paralelismo sintético e progressivo (cf. 1Jo 2, 13s); Cf. *Dictionnaire de la Bible, Supplément* (DBS. 5), 1967, 66s, apud: Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 104.

²⁷⁵ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 104.

²⁷⁶ Cf. Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo São João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 24.

(cf. 9, 1) nem é um objeto a ver (cf. Dt 4, 12ss) [...]. É Jesus, o Unigénito de Deus, que nos revela a Deus»²⁷⁷.

Em jeito de final, neste versículo «confluem os dados maiores revelados no Prólogo. A história do Logos, tendo atingido seu ponto culminante, o poema – para terminar remete ao primeiro versículo e, simultaneamente, serve de introdução ao Evangelho que vai relatar a história de Jesus de Nazaré»²⁷⁸. Aquilo que nos pode surpreender aqui é o testemunho de João Baptista, uma nova menção situada imediatamente após a confissão da fé de Jo 1, 14.

A impressão de uma inclusão entre o v. 1 e os vv. 14-18 é confirmada pelo facto de que a confissão de Jesus como «Deus» reaparece apenas mais uma vez no evangelho de João, diz-se, na confissão de Tomé pouco antes de terminar o relato joanino do Evangelho, em Jo 20, 28, antes do capítulo anexo de Jo 21²⁷⁹.

Para terminar, «no momento de encerrar seu poema, João remonta, com um impulso vertical, Àquele junto do qual o Logos estava: Deus, no sentido absoluto, se pode dizer-se assim. Ao declarar que o Filho único de Deus, ele próprio Deus, é o mediador na relação, o evangelista João marca a distância que existe entre o Pai e o Filho único, e isso, lembrando a perfeita comunhão Dele com o Pai»²⁸⁰. Concluindo assim, no sentido oposto, o Prólogo, ou pelo menos esta secção do Prólogo, pertence à última fase da redação do Evangelho de João como “releitura”, embora a origem pós-joanina destes versículos ainda não seja concluída na ordem da leitura atual²⁸¹. Por fim, em jeito de conclusão, emprestamos as palavras do autor deste evangelho em que ele testemunhou, na segunda conclusão, e onde ele próprio declara que «há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez, que se fossem escritas uma por uma, considero que nem o próprio mundo poderia conter os livros que se escreveriam» (Jo 21, 25).

²⁷⁷ Cf. Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 46-47.

²⁷⁸ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 100.

²⁷⁹ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 57.

²⁸⁰ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Lectura del Evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1997), 105.

²⁸¹ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 58.

CONCLUSÃO

No decurso do presente trabalho, procurou-se delinear um humilde contributo para a reflexão acerca do texto do Prólogo do Evangelho de João 1, 1-18, na sua riqueza de conteúdo para a fé cristã.

Ainda que, no início da elaboração do trabalho, tal se tenha afigurado uma tarefa difícil, essa fase foi ultrapassada e surgiu uma outra, com vários pontos positivos: a investigação pessoal, a leitura e a escrita acerca de um tema específico, a valorização do contributo das ideias alheias, com a experiência ao nível do trabalho escrito e a coragem de colocar dúvidas.

Afirma Bruno Maggioni, que «o extensivo tratamento consagrado do Prólogo não nos dispensa de uma releitura global e conclusiva. A extensão do tratamento justifica-se não só pela importância que o Prólogo tem em si mesmo, mas também pelo facto de se tratar de um texto introdutório, cujo conhecimento aprofundado nos permite uma maior agilidade no comentário das suas páginas»²⁸².

Continua este autor dizendo que «o tema principal do Prólogo é sem dúvida a revelação. Não a revelação no sentido abstrato, mas em concreto: a pessoa de Jesus Cristo. Tema esse, verifica-se no vocabulário, totalmente marcado pelo sentido da palavra, revelação: manifestar, enviar, ver, compreender, crer, testemunhar; e também pelos temas desenvolvidos: a fé e a incredulidade. Mas, falando assim, somos ainda muito genéricos. É preciso especificar mais»²⁸³.

Segundo Johannes Beutler, parece que «há uma coisa nova no versículo 14, é que esse Deus se manifestou em Jesus Cristo, “a Palavra que se fez carne”. Porque, no Prólogo, se diz que o Logos é “Carne” e não “Homem”? A razão poderia ser que, no momento da redação do Prólogo, já se haviam tornado objeto de controvérsia e disputa, por parte dos círculos do nascente gnosticismo, a verdadeira humanidade de Jesus, a sua existência em carne e sangue, o

²⁸² Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

²⁸³ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

seu nascimento e a sua morte»²⁸⁴. Para o evangelista João, «a Palavra é o Cristo pessoal e pré-existente que, num momento histórico, assumiu a natureza humana»²⁸⁵.

Na perspectiva de Filipe F. Ramos, «o Prólogo do Evangelho de João é uma peça de valor único. Tal como os outros evangelistas, antepõe-no à sua obra para nos apresentar o protagonista da sua narrativa. Diversamente dos sinópticos, não se limita a João Baptista e ao batismo (como em Marcos), nem ao nascimento (como em Mateus e Lucas). Vai até às origens. E estas origens remontam à própria eternidade de Deus. Só assim a apresentação é completa»²⁸⁶.

É conveniente compreender que «a Encarnação do Logos não é uma mera cobertura, caso em que não se diria “ele se fez Carne”. Indica-se, portanto, um novo modo de ser do Verbo, embora sem deixar de ser o que era. Explica por que não se disse “ele se tornou homem”: insistir na condição ultrapassada, terrena e transitória do humano»²⁸⁷.

Seja como for, o Prólogo de João é ainda mais do que tudo isso. «Levando à sua conclusão os temas evangélicos ou apenas antecipando-os, ele desvela o fundo do mistério de Cristo, o constitutivo da sua pessoa, isto é, o duplo paradoxo que representa o centro da cristologia de João e da fé cristã: a relação de unidade e distinção entre o Filho e o Pai (o Logos é chamado Jesus no versículo 17 e Filho no versículo 18), a relação “Logos-Carne”, ou seja, a humanidade e a divindade de Jesus»²⁸⁸.

Quanto ao primeiro motivo, «João deixa entrever a relação de pertença total do Filho ao Pai, cuja transcrição histórica no evento-Jesus será a atitude constante de obediência»²⁸⁹.

No segundo motivo, João sublinha ainda «a seriedade da divindade e da humanidade de Jesus: ambas devem ser entendidas no seu sentido real e concreto»²⁹⁰.

²⁸⁴ Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 58.

²⁸⁵ Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 68.

²⁸⁶ Filipe F. Ramos, *Comentários à Bíblia Litúrgica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007), 1220.

²⁸⁷ Antonio García-Moreno, *Evangelio de Juan* (Madrid: Rialp, 2008), 69.

²⁸⁸ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

²⁸⁹ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

²⁹⁰ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

O Prólogo, enfim, põe diante de nós acréscimos redacionais, os quais são sinais de um esforço de releitura e elaboração de uma matéria preexistente. Isso faz surgir o problema da sua origem, revela também a intenção e a originalidade de João. É, antes de tudo, o esforço de historização: os dados pré-existentes, concernentes à Palavra ou à Sabedoria, são aplicados ao Jesus histórico. É também um processo de redução e concentração cristológica: João Batista, por exemplo, é despido (reduzido) de todas as suas características, mesmo as mais tradicionais, aparecendo apenas na qualidade de testemunha de Jesus²⁹¹.

O nosso estudo seguiu este percurso e, na parte da reflexão teológica, fez as opções que o terceiro capítulo documenta, consciente, contudo, de que o Prólogo poderia ser lido noutras perspectivas. É um estudo que fica em aberto para posteriores reflexões, nossas ou de outrem. Jo 1, 1-18 assemelha-se a uma nascente que jorra constantemente, sem nunca se esgotar. Na verdade, trata-se de um texto tão rico que não será nunca possível esgotar a sua profundidade de sentido. Continua e continuará sempre a ser um tema em aberto.

²⁹¹ Bruno Maggioni, *Os evangelhos* (São Paulo: Loyola, 1996), 288.

BIBLIOGRAFIA

1. Sagrada Escritura

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1984.

Bíblia Sagrada em Português Corrente. Lisboa: Difusora Bíblica, 1999.

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2014.

Conferência Episcopal Portuguesa (CEP). *Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos*. Lisboa: edição SNEC, 2019.

2. Instrumentos

Academic-Bible, in: [https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-](https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/bibel/text/lesen/stelle/53/90001/99999/ch/fdef1e4a3ed23aaf6529614ea6beed98/)

[text/bibel/text/lesen/stelle/53/90001/99999/ch/fdef1e4a3ed23aaf6529614ea6beed98/](https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/bibel/text/lesen/stelle/53/90001/99999/ch/fdef1e4a3ed23aaf6529614ea6beed98/).

Accedida em 16/04/2023.

Coenen, Lothar; Beyreuther, Erich; Bietenhard, Hans. *Dicionario Teologico del Nuovo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1999.

Freire, António. *Gramática grega*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1997.

Fritz, Reinecker; Cleon, Rogers. *Chave linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

Kurt Aland; Matthew Black; Carlo Martini; Bruce M. METZGER, and Allen Wirgren, *The Greek New Testament* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994).

Nestle, Eberhard e Kurt Aland. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelsellschaft, 1995.

Mateos, Juan; Barreto, Juan. *Vocabulario Teologico del Evangelio de Juan*. Madrid: Cristiandad, 1980.

Wilbur, Felix; William Danker, Frederick. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

3. Livros

Arthur Carson, Donald. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd, 2007.

Benedictus PP. XVI, Litterae Decretal és «*Verbum Domini*» (10 Settembris), AAS n. 6.

Beutler, Johannes. *Comentario al evangelio de Juan*. Pamplona: Verbo Divino, 2016.

Carreira das Neves, Joaquim. *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004.

Castro Sánchez, Secundino. *Evangelio de Juan*. Bilbao: Desclé De Brouwer, 2008.

Corrêa D'Almeida, Bernardo. *A vida numa Palavra. Uma nova leitura do evangelho de S. João*. Porto: Porto Editora, 2012.

De La Calle, Francisco. *A teologia do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1985.

De la Potterie, Ignace, *Studi di Cristologia Giovannea*. Genova: Marrietti, 1992.

Destro, Adriana; Pesce, Mauro. *Como nació el cristianismo joánico*. Bilbao: Sal Terrae, 2002.

Díez Felicísimo Martínez, *Crêr em Jesús Cristo, viver como cristão*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.

Edmun Brown, Raymond. *La communauté du disciple Bien-Aimé*. Paris: Latour-Moubourg, 1983.

Edmund Brown, Raymond. *El evangelio y las cartas de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010.

Fermi Emilio. *Il Logos di Dio. Piccola summa per gli ultimi tempi*. Middletown: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.

García-Moreno, Antonio. *Jesús el Nazareno, el Rey de los Judíos*. Pamplona: Navarra, 2001.

García-Moreno, Antonio. *Evangelio de Juan*. Madrid: Rialp, 2008.

- Guillet, Jacques. *Jesus Cristo no Evangelho de João*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1993.
- Jaubert, Annie. *Para ler o Evangelho segundo São João*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1993.
- León-Dufour, Xavier. *Lectura del Evangelio de Juan*. Salamanca: Sígueme, 1997.
- Luís Espinel Marcos, José. *Evangelio según San Juan*. Salamanca: San Esteban, 1998.
- Maggioni, Bruno. *I Vangeli*. Assisi: Cittadella, 1978.
- Norman Champlin, Russell. *O Novo Testamento interpretado*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- Oriol Tuñi, Josep; Alegre, Xavier. *Escritos joánicos y cartas apostólicas*. Navarra: Verbo Divino, 2017.
- Schnackenburg, Rudolf. *El evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, 1980.
- Segalla, Giuseppe. *Evangelo e Vangeli*. Bologna: Dehoniane, 1994.
- Vianney Malzoni, Cláudio. *Comentário ao Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- Vidal, Senén. *Los escritos originales de la comunidad del discípulo «Amigo» de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1997.
- Wegner, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- Wikenhauser, Alfred. *El evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, 1967.

4. Artigos e Revistas

- Communio*, Revista Internacional Católica - vol. 20 - n. 1 – JAN/FEB., 2003.
- Revista de Cultura Teológica* - vol. 19 - n. 74 - ABR/JUN., 2011.